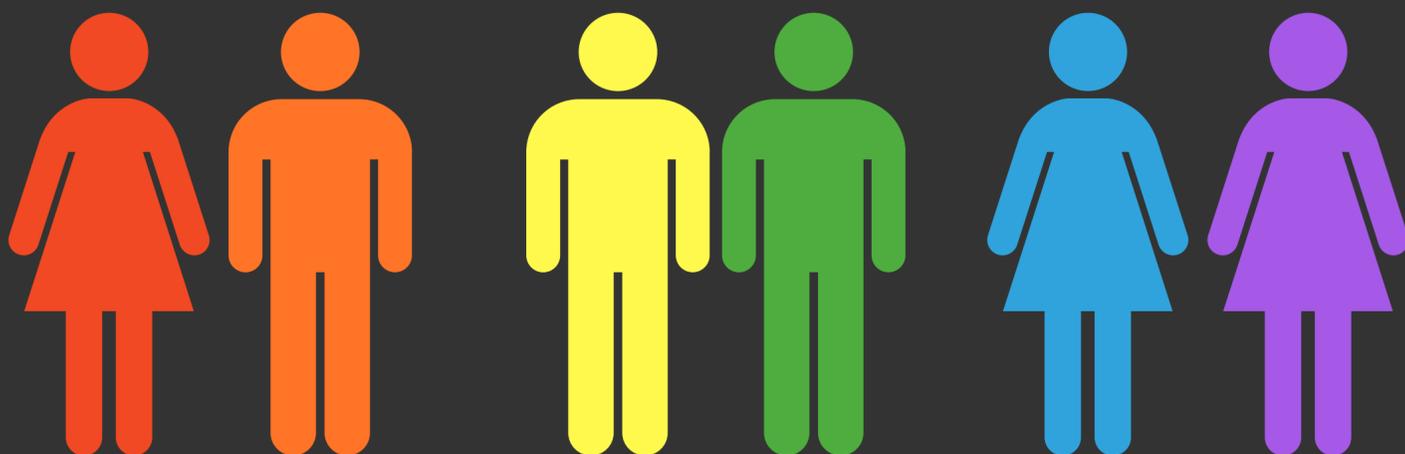


MARCELO MACIEL RAMOS
PEDRO AUGUSTO GRAVATÁ NICOLI
GABRIELLA DE MORAIS
IGOR JULIO PIMENTA

RELATÓRIO DE VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS LGBT+

PESQUISA DA 22ª PARADA
DO ORGULHO LGBT
DE BELO HORIZONTE



DIVERSO UFMG
NÚCLEO JURÍDICO DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

RELATÓRIO DE VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS LGBT+

PESQUISA DA 22ª PARADA DO ORGULHO LGBT DE BELO HORIZONTE - 2019

MARCELO MACIEL RAMOS
PEDRO AUGUSTO GRAVATÁ NICOLI
GABRIELLA DE MORAIS
IGOR JULIO PIMENTA

BELO HORIZONTE
2020

R382 Relatório de violências contra pessoas LGBTQ+: pesquisa da 22ª Parada do Orgulho LGBTQ de Belo Horizonte - 2019 / Marcelo Maciel Ramos ... [et. al.]. – Belo Horizonte: Diverso UFMG, Núcleo Jurídico de Diversidade sexual e de gênero, 2020.

60 p. : il.

ISBN: 978-65-88506-00-4

1. Homossexualidade - Pesquisa 2. Violência 3. Homofobia 4. Transfobia
5. Movimento de liberação homossexual - Relatório I. Ramos, Marcelo Maciel II. Nicoli, Pedro Augusto Gravata III. Morais, Gabriella de IV. Pimenta, Igor Júlio V. Título

CDU 342.721

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS E METODOLOGIA	2
DADOS SOCIOECONÔMICOS	3
IDENTIDADE DE GÊNERO.....	3
ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	4
RAÇA, COR E ETNIA.....	4
FAIXA ETÁRIA.....	5
ESCOLARIDADE.....	5
EMPREGABILIDADE.....	7
RENDA FAMILIAR.....	7
ORIGEM DOS PARTICIPANTES.....	8
DADOS SOBRE PERCEPÇÕES E DEMANDAS POLÍTICAS	9
POSICIONAMENTO POLÍTICO.....	9
REPRESENTAÇÃO POLÍTICA.....	10
FILIAÇÃO RELIGIOSA.....	11
PARTICIPAÇÃO NA PARADA: EXPECTATIVAS E MOTIVAÇÕES.....	12
DEMANDAS E PAUTAS.....	14
CRIMINALIZAÇÃO DA LGBTFOBIA PELO STF.....	15
DADOS SOBRE VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS LGBT+	16
VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA.....	16
VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA.....	18
ACOLHIMENTO PELA FAMÍLIA.....	19
VIOLÊNCIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL.....	20
ACOLHIMENTO NO AMBIENTE EDUCACIONAL.....	22
VIOLÊNCIA NO TRABALHO.....	23
ACOLHIMENTO NO TRABALHO.....	24
VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE.....	25
ACOLHIMENTO EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE.....	26
VIOLÊNCIA POLICIAL.....	27
ACOLHIMENTO PELA POLÍCIA.....	28
ACIONAMENTO POLICIAL EM CASOS DE LGBTFOBIA.....	28
SEGURANÇA E VIOLÊNCIA EM ESPAÇOS PÚBLICOS.....	31
DADOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS TRANS E TRAVESTIS	34
VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA.....	34
ACOLHIMENTO NA FAMÍLIA.....	34

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL.....	35
ACOLHIMENTO NO AMBIENTE EDUCACIONAL	37
VIOLÊNCIA NO TRABALHO	37
ACOLHIMENTO NO TRABALHO	39
VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE	40
ACOLHIMENTO EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE	41
VIOLÊNCIA POLICIAL	42
ACOLHIMENTO PELA POLÍCIA	42
ACIONAMENTO POLICIAL EM CASOS DE TRANSFOBIA	43
VIOLÊNCIA EM ESPAÇOS PÚBLICOS	44
CONCLUSÕES.....	45
EQUIPE DA PESQUISA	49

INTRODUÇÃO

O **Relatório de Violências contra Pessoas LGBT+** apresenta os dados coletados através de entrevistas estruturadas realizadas no dia **14 de julho de 2019** com as(os) participantes da 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte.

Trata-se de um extenso banco de dados que reúne informações sobre o perfil socioeconômico, os posicionamentos e as demandas políticas, bem como sobre as violências sofridas e/ou testemunhadas pelas pessoas LGBT+ participantes da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte.

O relatório se divide em quatro partes. A primeira apresenta **dados socioeconômicos** das(os) participantes, reunindo informações sobre identidade de gênero, orientação sexual, raça, cor, etnia, idade, origem, renda familiar, escolaridade e trabalho. A segunda apresenta **dados sobre percepções e demandas políticas**, reunindo informações sobre filiações política e religiosa, posicionamentos e expectativas políticas. A terceira parte reúne informações sobre violências sofridas e/ou testemunhadas, constituindo um detalhado acervo de **dados sobre violências contra pessoas LGBT+** no âmbito familiar, escolar e de trabalho, nos espaços públicos e de atendimento à saúde, bem como na relação com agentes da polícia. A quarta parte dedica-se à apresentação dos **dados específicos sobre o perfil e as violências sofridas pela população transexual e travesti**.

Produzido pelo **DIVERSO UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero**, com o apoio do CELLOS/MG – Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais e da Prefeitura de Belo Horizonte, o Relatório de Violências contra Pessoas LGBT+ é o resultado de um trabalho coletivo que compreende um intenso processo de elaboração e discussão dos questionários, treinamento de aplicadores, entrevistas no dia da parada, além da tabulação, sistematização e análise dos dados coletados. Ele é parte de uma iniciativa mais ampla que procura constituir uma base de dados confiável e de fácil acesso sobre as violências e discriminações sofridas pelas pessoas LGBT+ de Belo Horizonte e região, a partir da qual se procura embasar ações e políticas públicas de combate a essas violências e de garantia de direitos dessa população.

A 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte de 2019 contou com **público estimado de 250 mil** pessoas, conforme informação divulgada pela Prefeitura de Belo Horizonte¹. Trata-se de um espaço privilegiado para a coleta de dados sobre a população LGBT+ de Belo Horizonte e região, por reunir um público numeroso e diverso, permitindo-nos o acesso a uma grande amostragem de perfis e relatos de violência e discriminação baseadas na identidade de gênero e/ou orientação sexual.

¹ Houve um aumento de mais de 65% de público em relação a 2018, que registrou a presença de 150 mil participantes.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa realizada na **22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte** tem o objetivo de constituir um amplo banco de dados sobre o perfil e as violências sofridas pela população LGBT+ de Belo Horizonte e região. A pesquisa faz face à conhecida falta de dados sistemáticos e aprofundados sobre essa população, não só na cidade, mas no Brasil e no mundo. Aproveita-se, para tanto, da grande concentração de pessoas LGBT+ no evento para conhecer o máximo possível de dados dessa população, na expectativa de compreender suas trajetórias e principais demandas.

Através de entrevistas estruturadas, foram coletados dados referentes às circunstâncias socioeconômicas, às reivindicações individuais, coletivas e sociais, às percepções de violência e acolhimento por instituições públicas e privadas, à saúde, à inserção no mercado de trabalho e às convicções políticas das pessoas entrevistadas.

Para o público estimado de 250 mil pessoas, foram aplicados 397 questionários no dia 14 de julho de 2019, durante a realização do evento. Foi utilizada a técnica de amostragem aleatória simples, admitindo um erro padrão de 5% e um grau de confiabilidade de 95%.

A aplicação dos questionários foi feita pessoalmente por pesquisadores do DIVERSO UFGM – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero, que é programa de extensão da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.

A coordenação geral da pesquisa ficou a cargo do DIVERSO UFGM, com o apoio do Observatório do Turismo de Belo Horizonte (BeloTur) e do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (Cellos/MG).

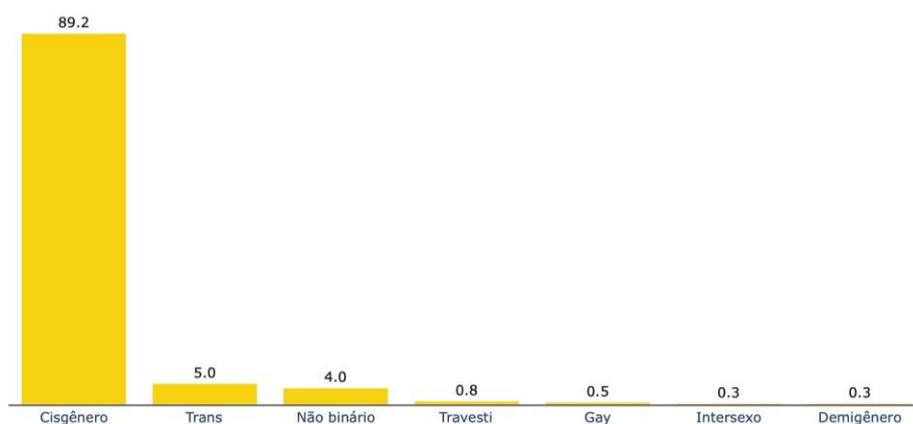
Para análise dos resultados obtidos, formulação de tabelas e cruzamento de dados, foram utilizados dois programas: o Python, que apresenta uma linguagem de programação multiplataforma de código simples, amplamente reconhecido para o trabalho de sistematização e análise de dados, e o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), frequentemente empregado em pesquisas na área de Ciências Sociais.

DADOS SOCIOECONÔMICOS

IDENTIDADE DE GÊNERO

Perguntadas(os) sobre a identidade de gênero, **89,2% das(os) entrevistadas(os) declarou-se cisgênero, 5% declarou-se transgênero, 0,8%, travesti, 4%, pessoa não binária, 0,3%, intersexo e 0,3%, demigênero.**

IDENTIDADE DE GÊNERO (%) 2019

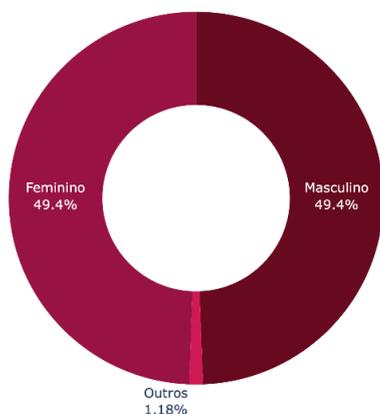


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

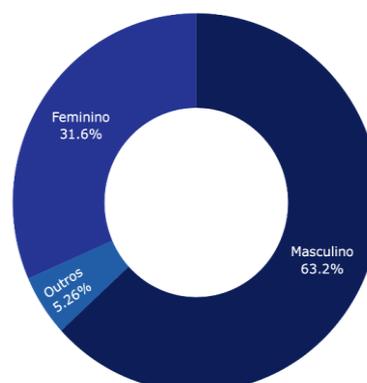
Entre as pessoas que se declararam cisgêneras, 49,4% identificou-se como sendo do gênero feminino e 49,4% do gênero masculino. Entre as pessoas que se declararam transgêneros, 63,2% identificou-se como sendo do gênero masculino e 31,6% do gênero feminino.

GÊNERO (%) 2019

CISGÊNERO (%)



TRANSGÊNERO (%)

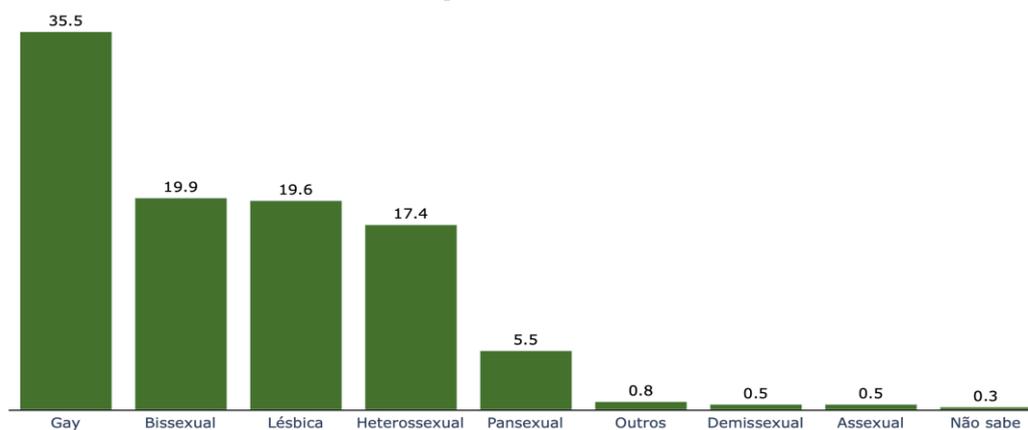


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Perguntadas(os) sobre a orientação sexual, 35,5% das(os) entrevistadas(os) identificou-se como gay, 19,9% como bissexual, 19,6% como lésbica, 5,5% como pansexual, 0,5% como assexual, 0,5% como demissexual e 0,8% respondeu que sua orientação se referia a outra categoria não listada. Portanto, um total de **82,3% das(os) participantes declarou-se não-heterossexual**. 17,4% declarou-se heterossexual (o que inclui as pessoas trans e travestis heterossexuais). 0,3% não respondeu ou não soube responder à questão.

ORIENTAÇÃO SEXUAL (%) 2019

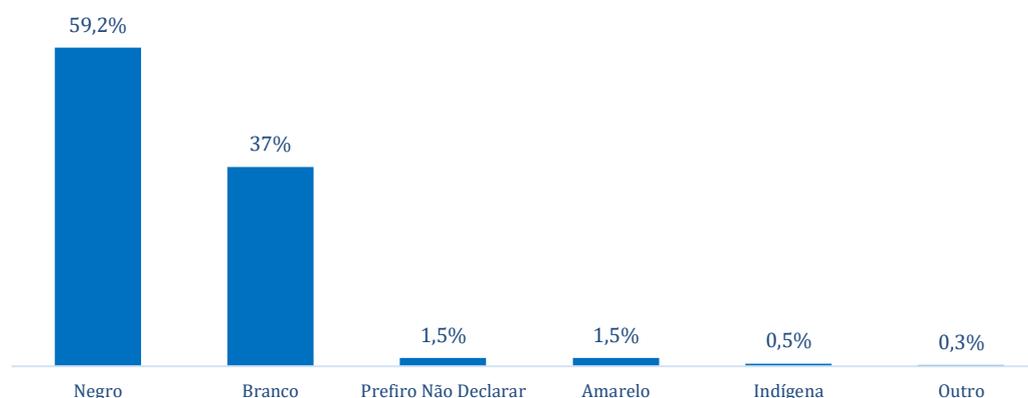


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

RAÇA, COR E ETNIA

Das(os) entrevistadas(os), 59,2% declarou-se negra(o), desse total 24,4% seriam pretas(os) e 34,8% pardas(os). 37% declarou-se branca(o), 1,5% declarou-se amarela(o) e 0,5% declarou-se indígena. 1,5% das pessoas preferiu não declarar sua cor ou raça².

COR/RAÇA (%) 2019

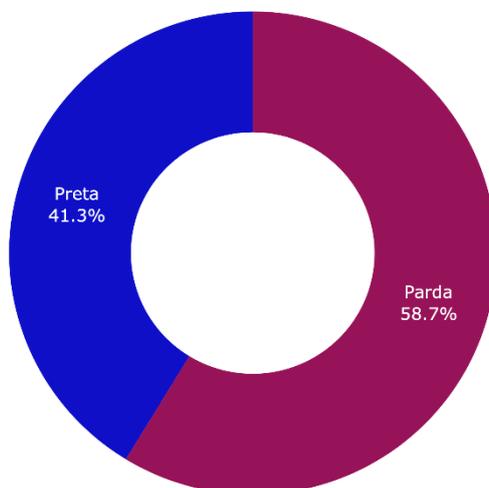


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

² Em comparação com o ano de 2018, o número de participantes autodeclaradas(os) negras(os) manteve-se praticamente inalterado. Eram 59,7%. No entanto, observa-se um aumento de 28,4% de participantes pretas(os) e uma redução de 15% de participantes pardas(os). Eram 19% e 41% respectivamente. Observa-se ainda um aumento de 8,8% de participantes brancas(os). Eram 34% em 2018.

Analisando apenas a porcentagem da(os) respondentes que se declararam negras(os), é possível afirmar que 41,3% dentre as(os) respondentes se declarou preta(o) e 58,7% parda(o).

NEGRAS(OS) (%) 2019

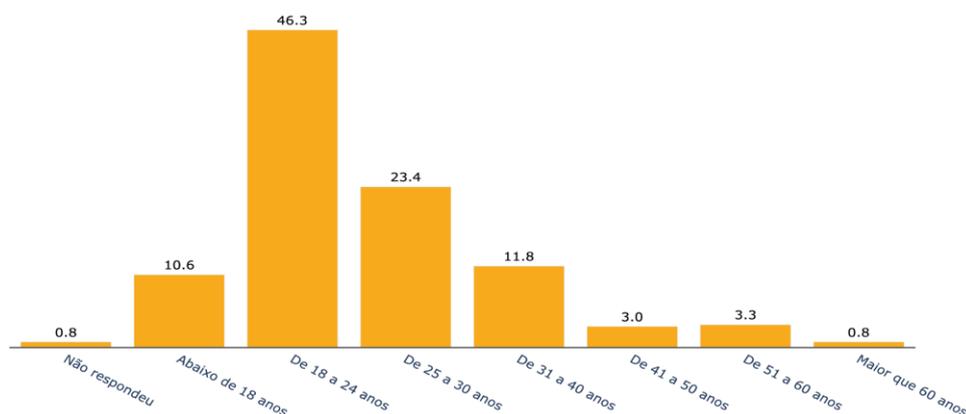


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

FAIXA ETÁRIA

O público da parada é predominantemente jovem, sendo a média de idade de 25 anos. A maioria das(os) participantes (46,3%) possui entre 18 e 24 anos. 23,4% possui entre 25 e 30 anos, 11,8%, entre 31 e 40 anos, 10,6%, menos de 18 anos, 3%, entre 41 e 50 anos, 3,3%, entre 51 e 60 anos e 0,8, mais de 60 anos.

FAIXA ETÁRIA (%) 2019



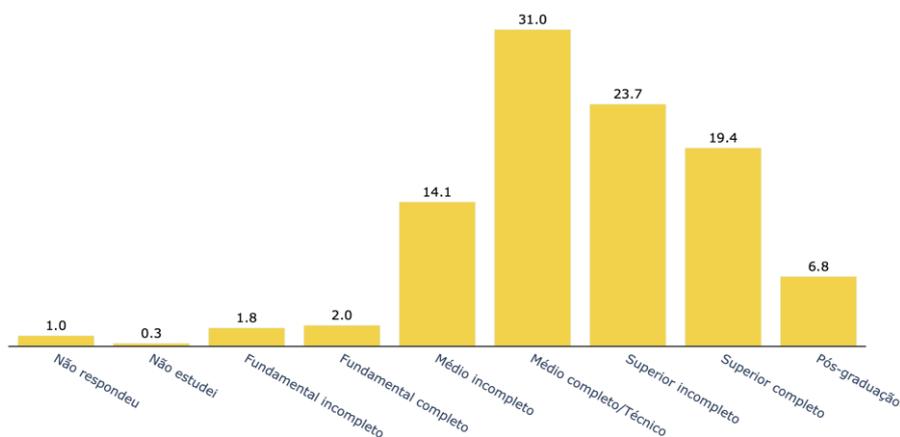
Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ESCOLARIDADE

A maior parte das(os) participantes afirmou possuir nível médio ou técnico completo, contabilizando um total de 31%. 23,7% afirmou possuir ensino superior incompleto, 19,4%, ensino superior completo e 6,8%, pós-graduação. 1,8% afirmou possuir fundamental

incompleto, 2%, nível fundamental completo e 14,1%, médio incompleto. 0,3% respondeu que não estudou e 1% não quis responder essa questão³.

ESCOLARIDADE (%) 2019

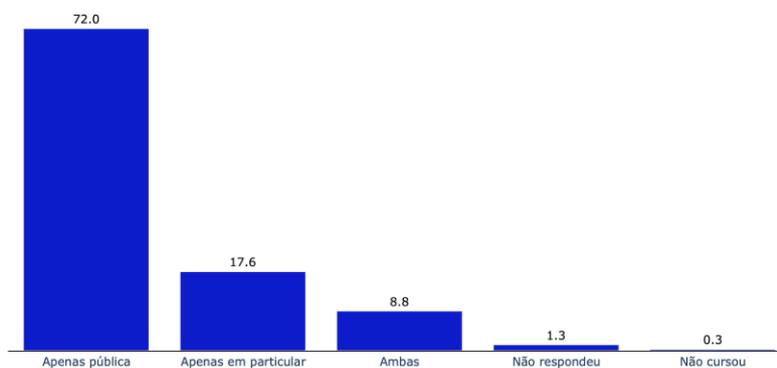


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

TIPO DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO CURSADA

A maioria das(os) entrevistadas(os) estudou apenas em escolas públicas durante o ensino fundamental e/ou médio, totalizando 72%. 17,6% estudou apenas em instituições particulares e 8,8% estudou em ambos os tipos de instituições de ensino. 1,3% das(os) participantes não respondeu à questão e 0,3% informou não ter estudado.

ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO (%) 2019

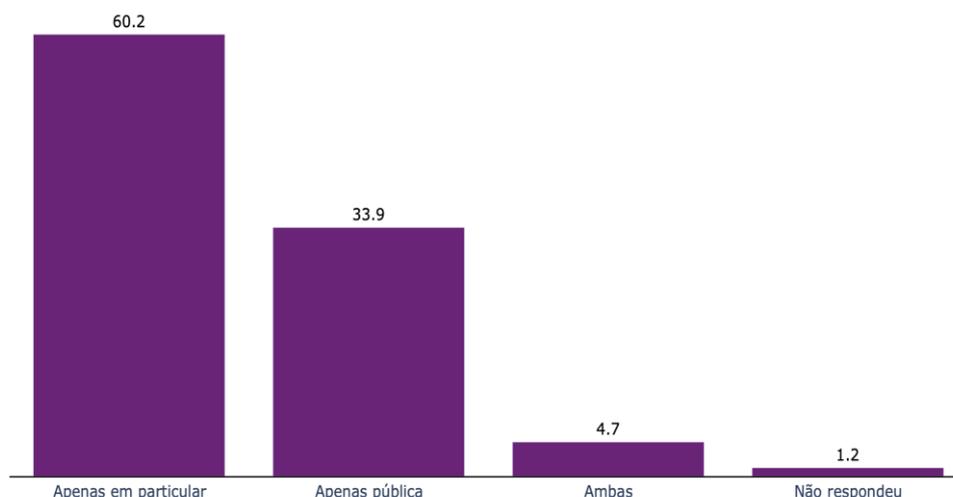


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Quanto às pessoas entrevistadas que cursam ou cursaram o Ensino Superior, 60,2% frequenta ou frequentou apenas instituições particulares, 33,9%, apenas instituições públicas e 4,7%, ambas as categorias de instituições. 1,2% não respondeu à pergunta.

³ Observou-se um nível de escolaridade alto entre os(as) participantes da parada. Em relação a 2018, houve um aumento de 25% de pessoas com pós-graduação, de 28,4% de pessoas com ensino superior completo, bem como de 6,8% de pessoas com ensino médio ou técnico completo.

ENSINO SUPERIOR (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

EMPREGABILIDADE

No que tange à ocupação atual, **54,4% das(os) entrevistadas(os) afirmou trabalhar**. Entre elas/eles, 26,4% são assalariadas(os) com carteira de trabalho assinada, 4,3% trabalha por conta própria, 4% são profissionais liberais, 5,5% são assalariadas(os) sem carteira de trabalho e 7,1%, funcionários públicos. **20,7% são estudantes e 11,1% estão desempregados**. 12,8% respondeu "outros" e 1% não quis responder à pergunta. Os principais setores econômicos que empregam os participantes são os de serviços (25,7%), de comércio (20,2%) e de indústria (3,8%).

EMPREGABILIDADE (%) 2019

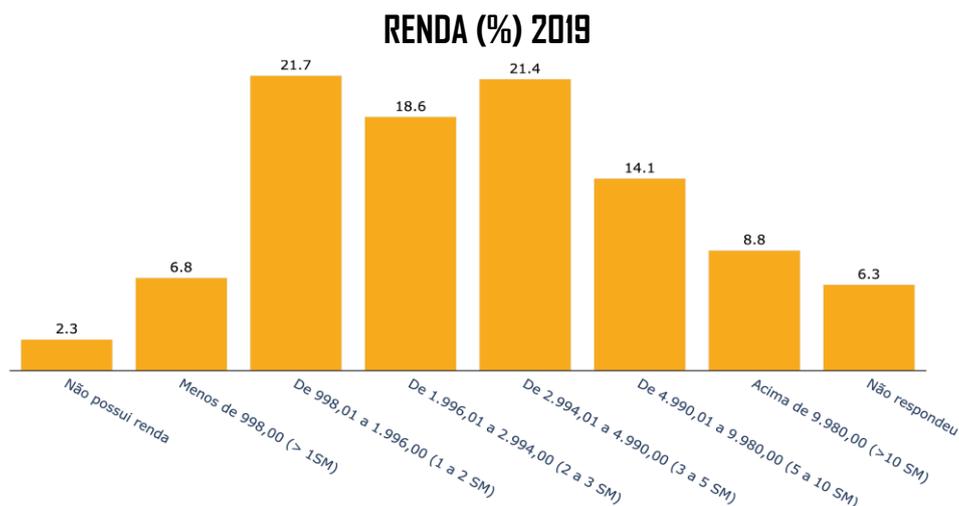
Assalariado(a) com carteira	26,4%
Exclusivamente estuda	20,7%
Outros	12,8%
Desempregado(a)	11,1%
Funcionário(a) público (a)	7,1%
Assalariado(a) sem carteira	5,5%
Conta própria regular	4,3%
Profissional liberal	4,0%
Estagiário(a)	3,8%
Empregador (+ de 2 empregados)	3,3%
Não respondeu	1,0%

Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

RENDA FAMILIAR

Na Parada de 2019, quase metade dos(as) participantes (**49,4%**) **declarou não ter renda ou ter renda familiar mensal de até 3 salários mínimos**. Dentre eles/elas, 2,3% declarou não ter renda, 6,8% declarou possuir renda familiar menor que 1 salário mínimo, 21,7%, entre 1 e 2 salários mínimos e 18,6%, entre 2 e 3 salários mínimos. 21,4% afirmou possuir renda familiar entre 3 e 5

salários mínimos. 14,1%, entre 5 e 10 salários mínimos e 8,8% declarou ter renda maior que 10 salários mínimos. 6,3% dos(as) entrevistados(as) optou por não responder esta pergunta.

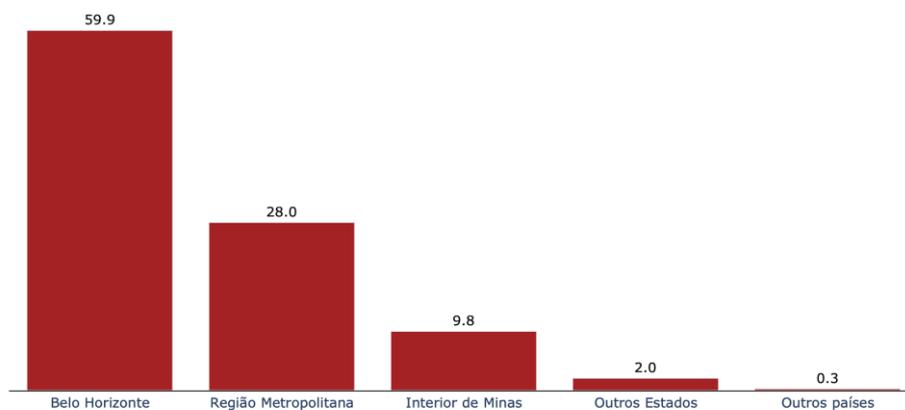


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQ+ do Diverso UFMG - 2020

ORIGEM DOS PARTICIPANTES

A maior parte dos(as) participantes da parada é de Belo Horizonte (59,9 %) e da Região Metropolitana (28,0 %), somando 87,9%. Dentre os turistas, 80,9% veio de outras cidades de Minas Gerais, enquanto 16,05% veio de outros Estados e 2,4% de outros países.

ORIGEM GEOGRÁFICA (%) 2019

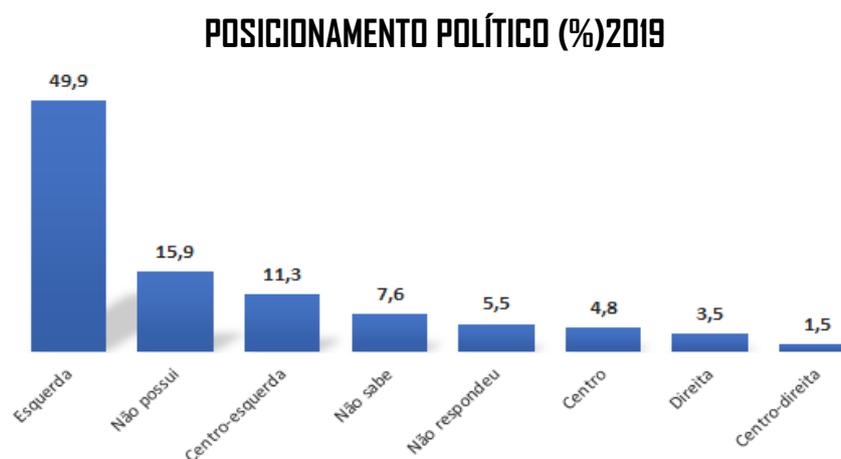


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQ+ do Diverso UFMG - 2020

DADOS SOBRE PERCEPÇÕES E DEMANDAS POLÍTICAS

POSICIONAMENTO POLÍTICO

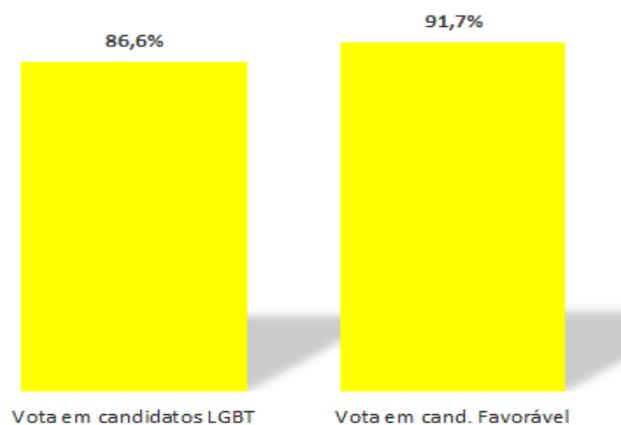
Perguntados(as) sobre a posição no espectro político, **grande parte das(os) participantes (49,9%) declarou-se de esquerda. O segundo número mais expressivo, 15,9%, é o de pessoas que afirmaram não possuir nenhum posicionamento político.** 11,3% afirmou ser de centro-esquerda, 4,8%, de centro, 3,5%, de direita e 1,5% de centro-direita. 7,6% disse não saber e 5,5 não respondeu.



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Perguntados(as) sobre em quem votam nas eleições, **91,7% afirmou votar em candidatas(os) com pautas favoráveis aos LGBT+ e 86,6% disse votar em candidatas(os) LGBT+.**

VOTA EM CANDIDATOS LGBT OU FAVORÁVEIS À PAUTA LGBT? (%) 2019



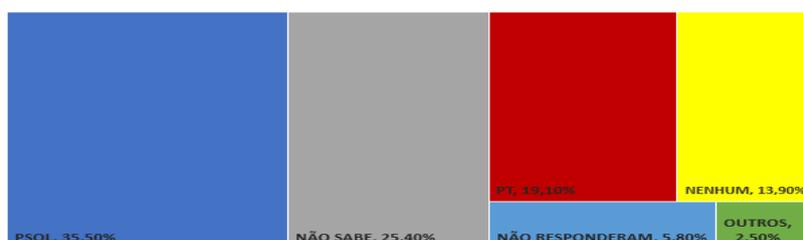
Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

Ao serem indagadas(os) sobre representação política, **70,8%** disse que os políticos não representam as pessoas **LGBT+**.

Perguntadas(os) sobre qual partido político melhor representa as pautas **LGBT+**, **35,5%** das(os) participantes citou o **Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)** e **19,1%**, o **Partido dos Trabalhadores (PT)**. Os outros partidos citados somaram **2,5%** das respostas⁴. **13,9%** afirmou não se sentir representado(a) por nenhum partido. **5,8%** não respondeu e **25,4%** não soube responder.

PARTIDO POLÍTICO QUE REPRESENTA AS PAUTAS LGBT (%)2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Perguntadas(os) sobre qual **figura pública** melhor representa as pautas **LGBT+**, os nomes mais citados foram: **Duda Salabert (23,4%)**, **Jean Wyllys (8,2%)**, **David Miranda (6,3%)**, **Luciana Genro (5,2%)**, **Áurea Carolina (3,3%)**, **Manuela D'Ávila (3,0%)**, **Lula (2,8%)** e **Marielle Franco (2,4%)**. **10,3%** respondeu "nenhuma", **21,4%** não soube responder e **3,3%** não respondeu. Diversas(os) artistas foram citadas(os) como, por exemplo, **Pablo Vittar (2%)**, **Glória Groove (0,8%)** e **Lady Gaga (0,3%)**.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Por fim, as(os) entrevistadas(os) foram perguntadas(os) se faziam parte de algum movimento social, político ou grupo **LGBT+**. **15,6%** das(os) participantes respondeu fazer parte, enquanto **68,3%** disse que não faz parte. **16,1%** não quis responder.

PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTO SOCIAL (%)2019



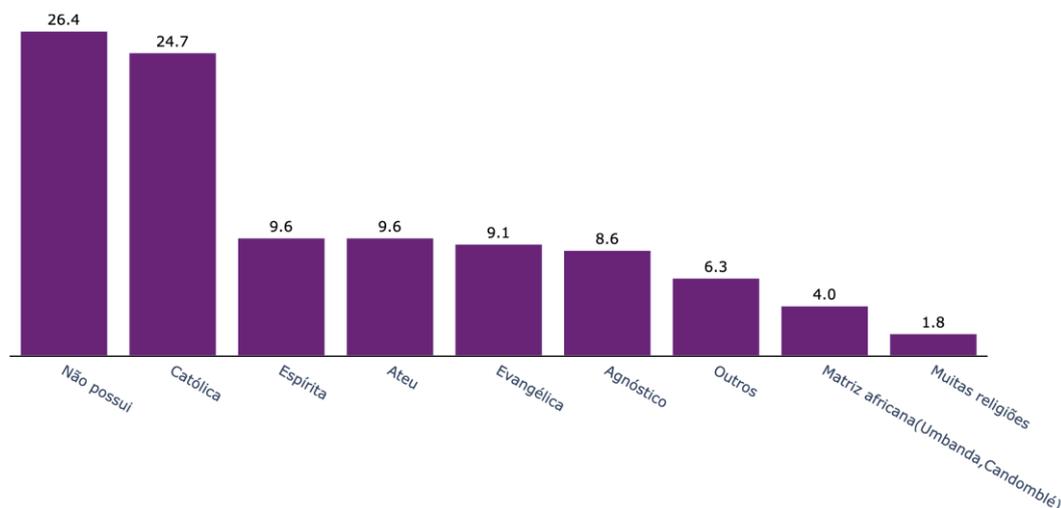
Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

⁴ PCDB, PDT, PSDB, PSTU e UP (Unidade Popular pelo Socialismo).

FILIAÇÃO RELIGIOSA

26,4% das entrevistas(os) declarou não possuir religião, **9,6%** declarou-se ateu e **8,6%**, agnóstico. **24,7%** declarou-se católica(o), **9,6%**, espírita, **9,1%**, evangélica(o) e 4%, praticante de religiões de matriz africana. 6,3% respondeu "outra" e 1,8% disse seguir mais de uma religião.

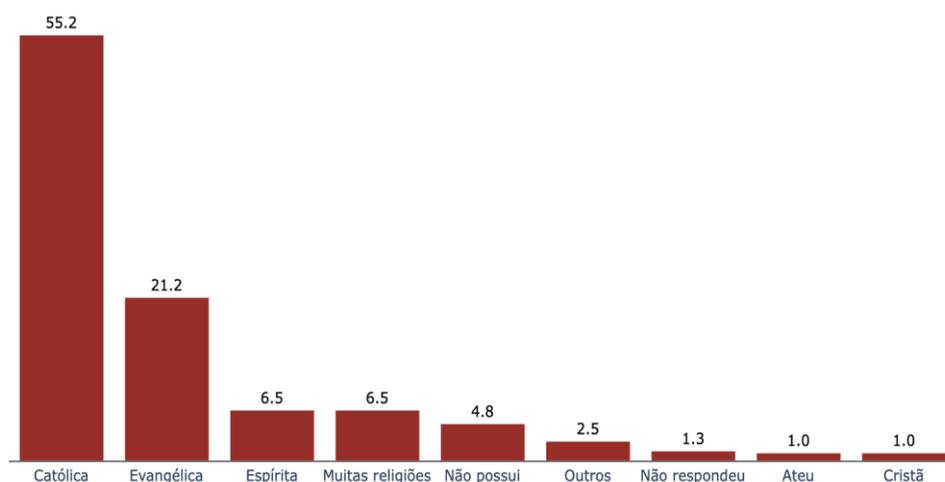
RELIGIÃO DOS(AS) PARTICIPANTES (%)2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Em relação à religião do núcleo familiar ao qual pertencem, **55,2%** declarou que seus familiares são católicos, seguidos de **21,2%**, evangélicos, 6,5%, espíritas e 6,5% afirmou que seus familiares possuem mais de uma religião. 2,5% respondeu "outros" e apenas 1,3% não respondeu.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA (%) 2019

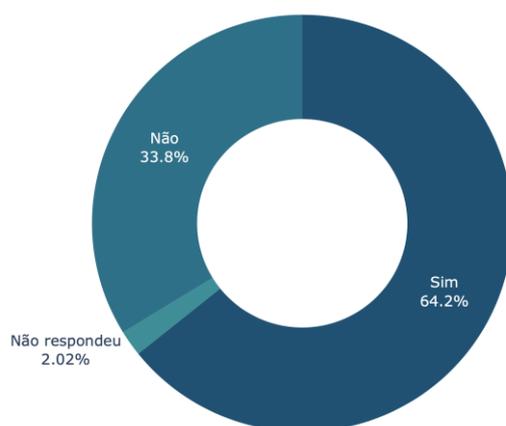


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

PARTICIPAÇÃO NA PARADA: EXPECTATIVAS E MOTIVAÇÕES

A maioria do público entrevistado (64,2%) presente na 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte esteve em edições anteriores do evento. 33,8% das(os) entrevistadas(os) participou pela primeira vez e 2,02% não respondeu à pergunta.

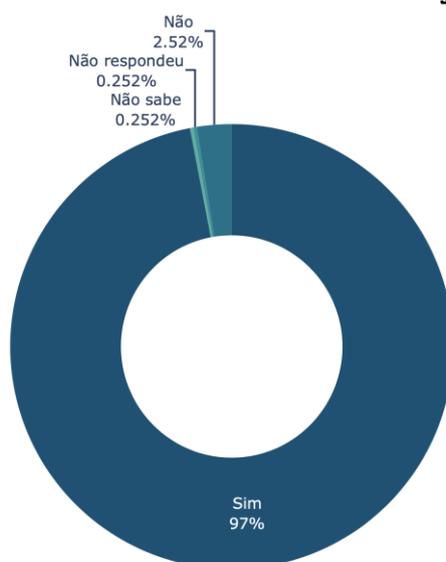
VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUMA OUTRA EDIÇÃO DA PARADA DO ORGULHO LGBT EM BH?



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

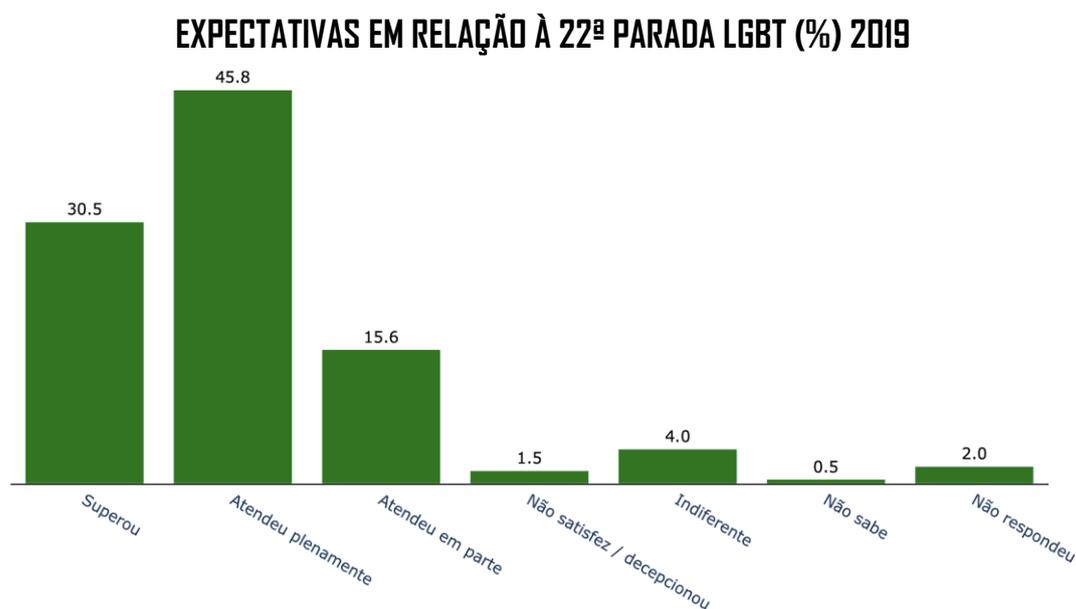
Sobre a intenção de participar de edições futuras da parada, 97% das(os) entrevistadas(os) respondeu que pretende participar. Apenas 2,5% disse que não gostaria de participar novamente. 0,2% não soube dizer se retornaria ao evento em anos posteriores e 0,2% não respondeu.

VOCÊ PRETENDE PARTICIPAR DE UMA PRÓXIMA EDIÇÃO DA PARADA?



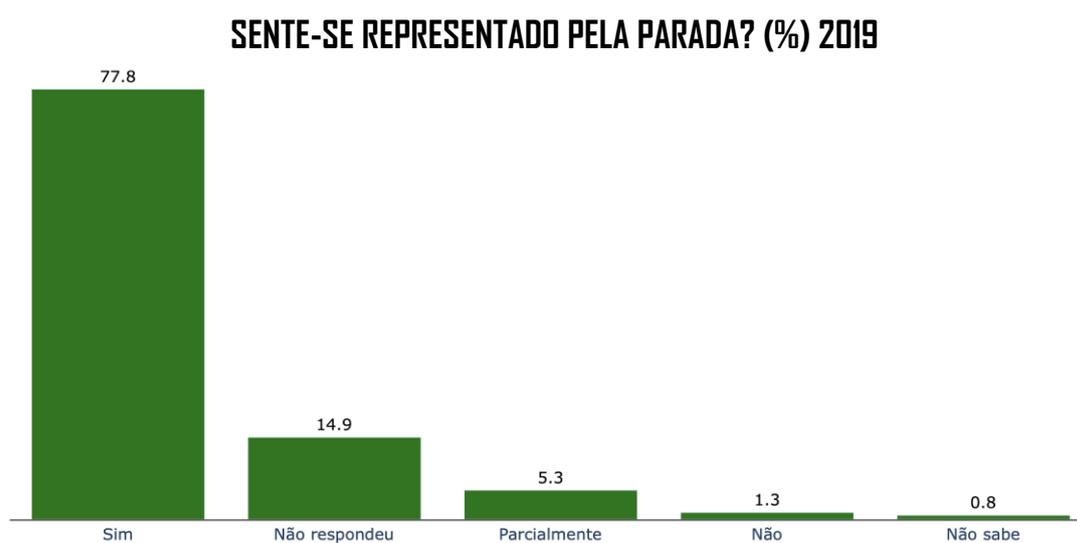
Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Em relação às **expectativas em relação à 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte**, 76,3% das(os) participantes afirmou que teve suas expectativas satisfeitas ou superadas. Dentre elas/eles, 30,5% disse que a parada superou suas expectativas e 45,8% que ela atendeu plenamente as suas expectativas. 15,6% do público disse que o evento os atendeu em parte e 4% afirmou estar indiferente. Apenas 1,5% relatou ter se decepcionado. 2% não quis responder.



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

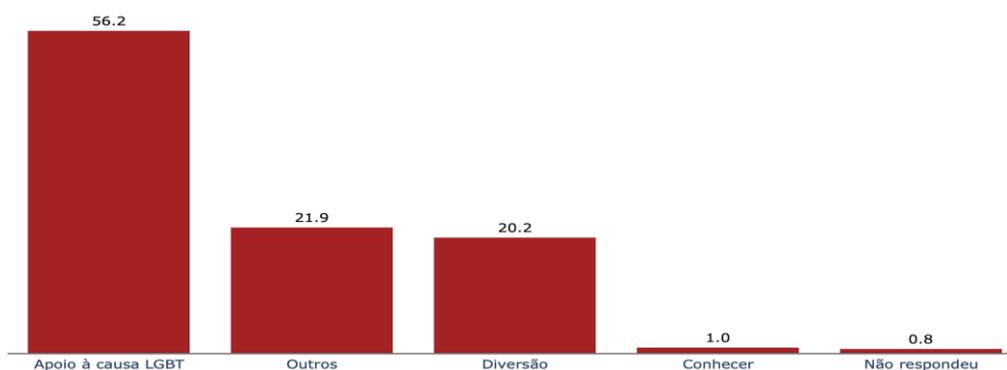
A maior parte das(dos) participantes (77,8%) afirmou que a Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte as/os representa. Apenas 5,3% afirmou que o evento as/os representa parcialmente. As pessoas que não se sentiram representadas pelo evento somaram 1,3%. 0,8% não soube responder e 14,9% não respondeu à pergunta.



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

As(os) entrevistadas(os) responderam perguntas sobre os motivos da sua participação na 22ª Parada do Orgulho LGBT da capital mineira. A maior parte (56,2%) afirmou ter ido ao evento em apoio à causa LGBT. 20,2% disse ter ido em busca de diversão e 21,9% respondeu ter ido por outros motivos. 1% foi para conhecer e 0,8% não respondeu.

MOTIVO DA PARTICIPAÇÃO (%)2019

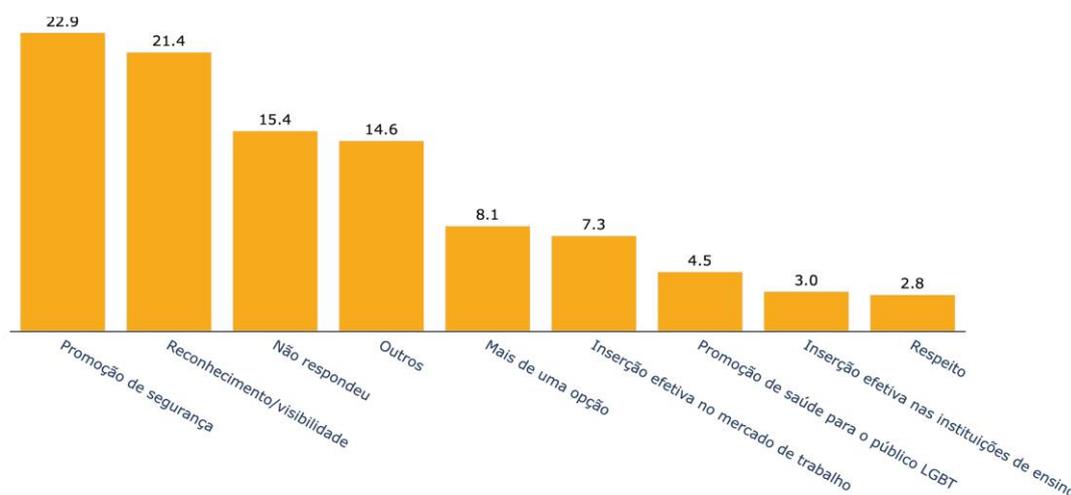


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

DEMANDAS E PAUTAS

Para as(os) entrevistadas(os), **a promoção de segurança destaca-se entre as demandas mais urgentes para a população LGBT+, somando 22,9% das respostas; seguida do reconhecimento e visibilidade, com 21,4%**. Foram citados também inserção efetiva no mercado de trabalho (7,3%), promoção de saúde para o público LGBT (4,5%), inserção efetiva nas instituições de ensino (3,0%), respeito (2,8%) e outros (14,6%). Dentre as(os) participantes 15,4% não quis responder essa questão⁵.

DEMANDAS E PAUTAS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

⁵ Ao analisarmos as edições de 2017 e 2018 observamos que houve uma alteração gradativa da necessidade de "reconhecimento e visibilidade" para "promoção de segurança". No ano de 2017, 41,4% dos participantes apontou a necessidade de reconhecimento, já em 2018 esse número caiu 14,4%. Em contrapartida de 2017 para 2019, a necessidade de promoção de segurança aumentou 21,8%.

CRIMINALIZAÇÃO DA LGBTFOBIA PELO STF

Uma nova questão foi inserida no questionário da 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, sobre a criminalização da LGBTfobia. Em 2019, o assunto estava na pauta do Supremo Tribunal Federal (STF). Um dia antes da parada, no dia 13 de junho de 2019, o STF reconheceu, por maioria, a omissão do Congresso Nacional para incriminar atos atentatórios a direitos fundamentais dos integrantes da comunidade LGBT, determinando o enquadramento da homofobia e da transfobia como tipo penal definido na Lei do Racismo (Lei 7.716/1989).

Perguntadas(os) se eram a favor da criminalização da LGBTfobia, 78% das(os) entrevistadas(os) afirmou ser favorável e 6% respondeu ser contra. 16% não quis responder.

VOCÊ É A FAVOR DA CRIMINALIZAÇÃO DA LGBTFOBIA?



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

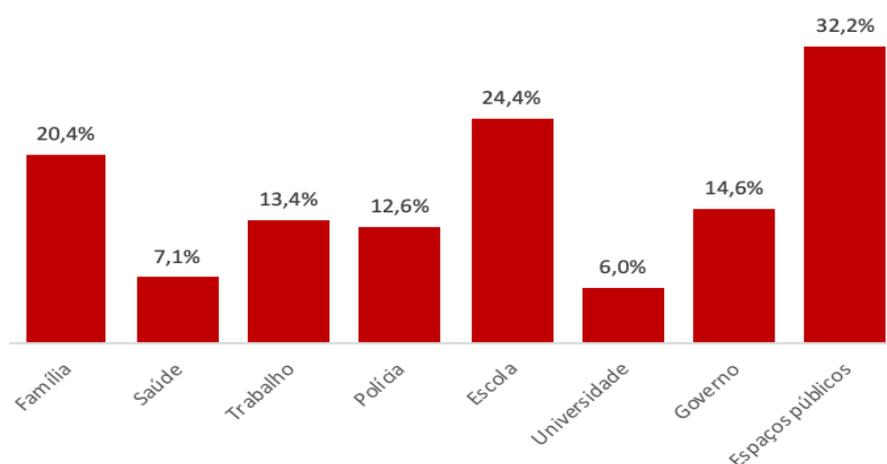
DADOS SOBRE VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS LGBT+

VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA

46,1% das entrevistadas(os) afirmou já ter sofrido violências LGBTfóbicas (em razão da identidade de gênero e/ou orientação sexual). 17,4% disse não ter sofrido violência LGBTfóbica. 36,5% preferiu não responder. **46,6% das entrevistadas(os) afirmou já ter presenciado violências LGBTfóbicas (baseadas na identidade de gênero e/ou orientação sexual),** 13,9% disse não ter presenciado violência LGBTfóbica. 39,5% preferiu não responder⁶.

Dentre as pessoas que responderam já ter **sofrido violência** causada pela sua identidade de gênero e/ou orientação sexual, **20,4% afirmou ter sofrido violência no ambiente familiar, 24,4% disse ter sofrido violência na escola e 6%, na universidade, 7,1% já sofreu violência em instituições de saúde, 12,6% relatou já ter sofrido violência policial, 32,2% sofreu violência em espaços públicos, 13,4% sofreu violência no ambiente de trabalho e 14,6% disse ter sofrido violência causada por agentes do governo.** Vale observar que esses dados de violência LGBTfóbica muitas vezes se sobrepõem. Muitas(os) entrevistadas(os) afirmaram ter sofrido violências em mais de um desses lugares.

VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR AMBIENTE (%) 2019

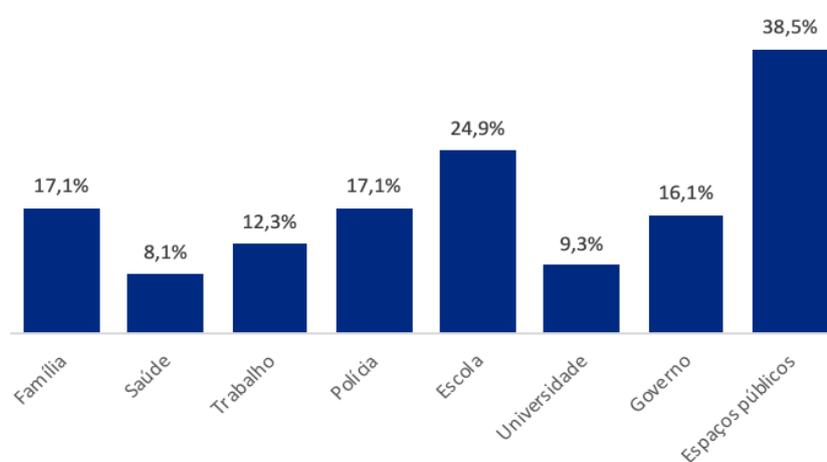


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

⁶ Nesse ponto é importante esclarecer que na entrevista pergunta-se em uma única questão se o/a entrevistado/a já "sofreu" e/ou "presenciou" violência LGBTfóbica. Para separarmos as violências presenciadas e sofridas, analisamos as respostas específicas referentes aos locais em que se presenciou e/ou sofreu. No entanto, observamos um número significativo de não respondentes das questões específicas. O que nos parece justificar esse número elevado de não respondentes é a de que muitas pessoas que respondem ter presenciado e/ou sofrido violência, que é uma questão direta e fácil, acabam não respondendo as questões específicas dos locais em que violência foi presenciada ou sofrida.

Dentre as pessoas que responderam já ter **presenciado violências** em razão de identidade de gênero e/ou orientação sexual, **17,1% afirmou ter presenciado violência no ambiente familiar, 24,9% disse ter presenciado violência na escola e 9,3% na universidade, 8,1% já presenciou violência em instituições de saúde, 17,1% relatou já ter presenciado violência policial, 38,5% presenciou violência em espaços públicos, 12,3% presenciou violência no ambiente de trabalho e 16,1% disse já ter presenciado violência causada por agentes governo.** Do mesmo modo, é importante notar que esses dados de violência LGBTfóbica muitas vezes se sobrepõem, já que muitas(os) entrevistadas(os) afirmaram ter presenciado violências em mais de um desses lugares.

VIOLÊNCIAS PRESENCIADAS POR AMBIENTE (%) 2019

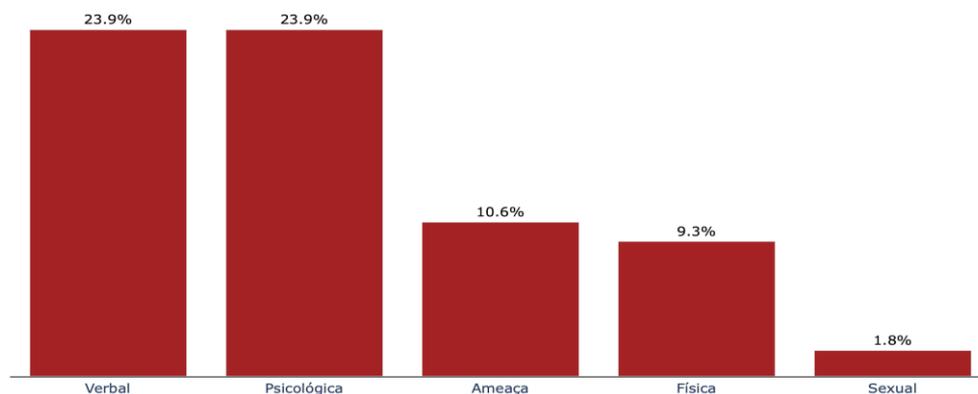


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Os tipos de violências LGBTfóbicas sofridos em casa mais mencionados foram: violência verbal (23,9%), violência psicológica (23,9%), ameaça (10,6%), violência física (9,3%) e violência sexual (1,8%)⁷.

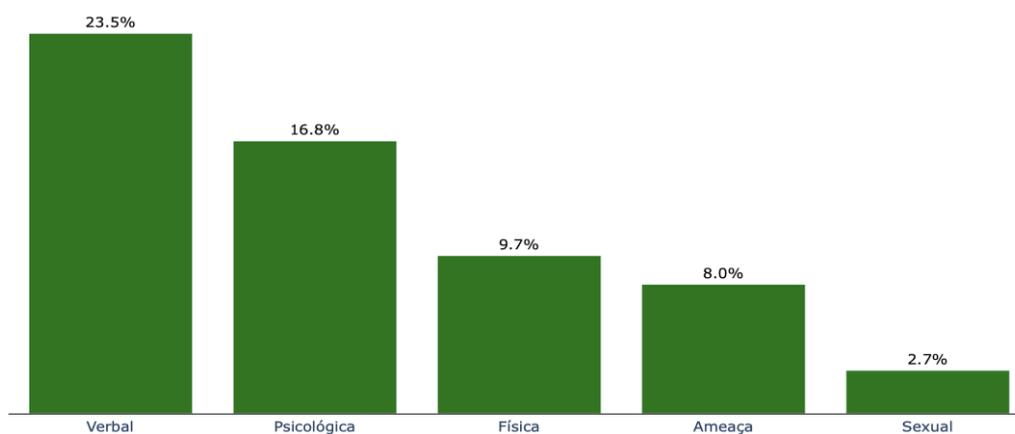
TIPOS DE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS SOFRIDAS NA FAMÍLIA



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Os tipos de violências LGBTfóbicas presenciadas mais relatados foram: violência verbal (23,5%), violência psicológica (16,8%), violência física (9,7%), ameaça (8%) e violência sexual (2,7%).

TIPOS DE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS PRESENCIADAS NA FAMÍLIA

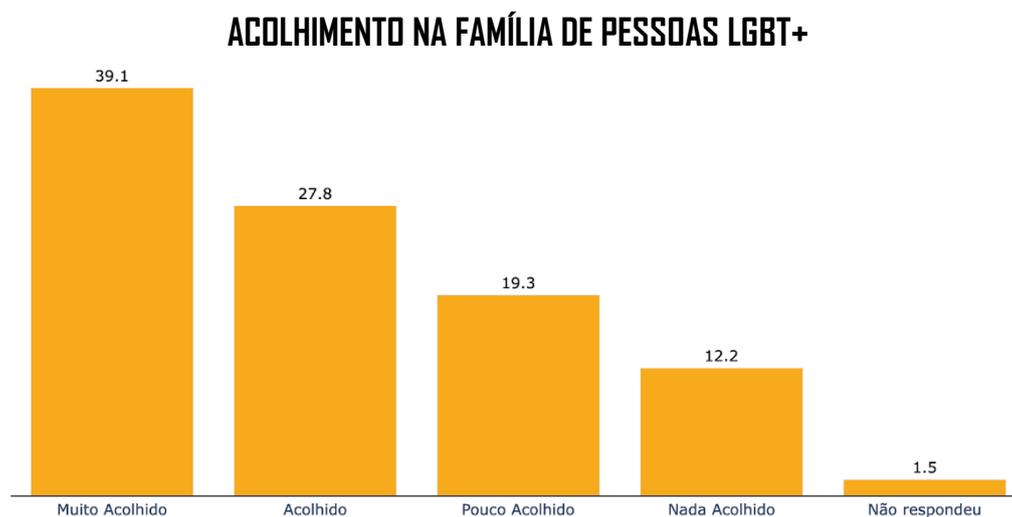


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

⁷ Os números aqui se referem aos tipos de violência mais acometem a população amostral, sendo que um respondente pode ter sofrido de múltiplos tipos.

ACOLHIMENTO PELA FAMÍLIA

Sobre o relacionamento com a família, entre as(os) participantes LGBT+, **12,2% relatou se sentir nada acolhida(o) e 19,3% afirmou se sentir pouco acolhida(o) pelos seus familiares.** 27,8% disse sentir-se acolhida(o) e 39,1% afirmou sentir-se muito acolhida(o). 1,5% não respondeu.

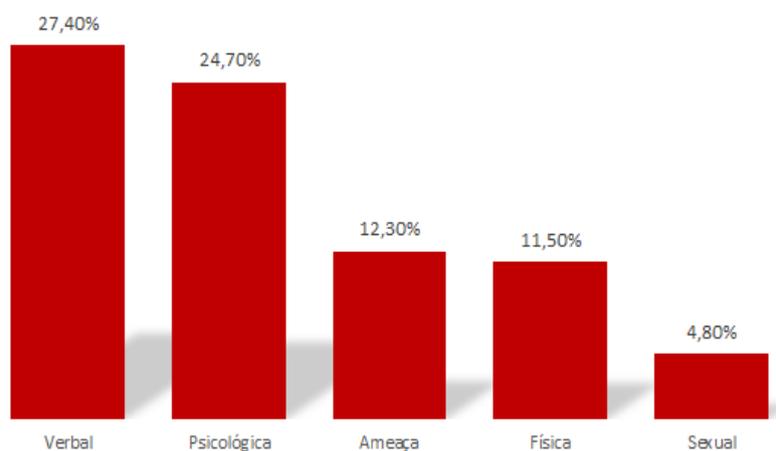


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Os tipos de violências LGBTfóbicas mais comuns sofridos no ambiente escolar, conforme o número de respostas, foram: violência verbal (27,4%), violência psicológica (24,7%), ameaça (12,3%), violência física (11,5%) e violência sexual (4,8%)⁸.

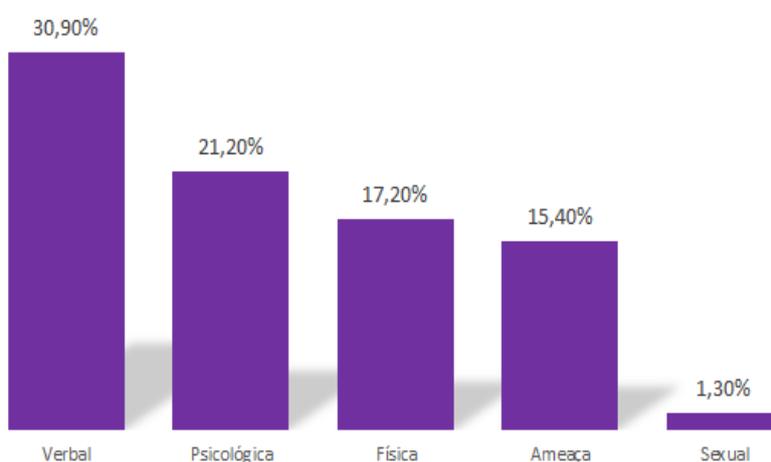
TIPOS DE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS SOFRIDAS NAS ESCOLAS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Já em relação aos tipos de violências presenciadas na escola, as mais comuns foram: 30,9% presenciou violência verbal, 21,2%, violência psicológica, 17,2%, violência física, 15,4%, ameaça e 1,3%, violência sexual.

TIPOS DE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS PRESENCIADAS NAS ESCOLAS (%) 2019

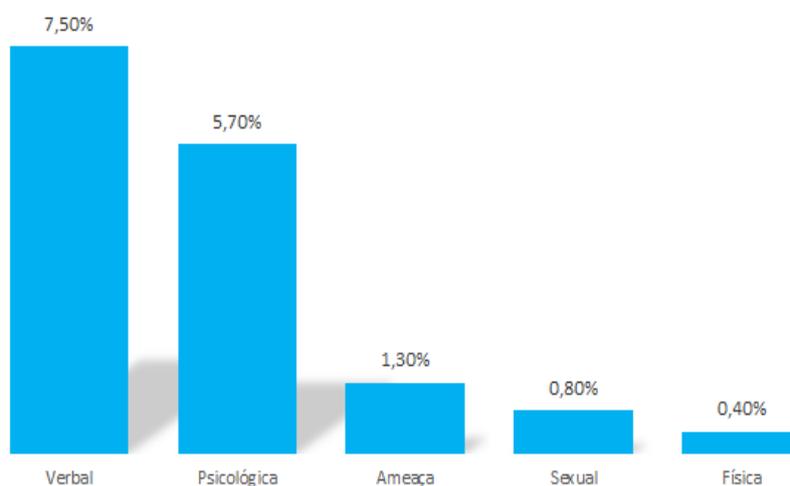


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

⁸ A partir da análise dos dados sobre violência familiar, observa-se que pessoas não cisgêneras, como transexuais e travestis, estão mais sujeitas(os) a sofrerem violência verbal (22,2%), psicológica (22,2%) e física (28,5%) no ambiente familiar.

Nas universidades, entre as violências sofridas, o tipo mais comum é a violência verbal (7,5%), seguido da violência psicológica (5,7%), ameaça (1,3%), violência sexual (0,8%) e violência física (0,4%).

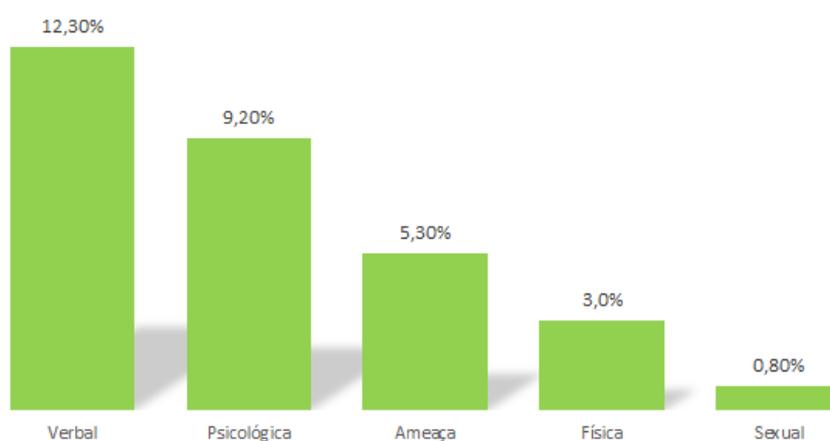
TIPOS DE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS SOFRIDAS NAS UNIVERSIDADES (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Das violências presenciadas nas universidades, o tipo mais comum é a violência verbal (12,3%), seguida da violência psicológica (9,2%), ameaça (5,3%), violência física (3%) e violência sexual (0,8%).

TIPOS DE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS PRESENCIADAS NAS UNIVERSIDADES (%) 2019

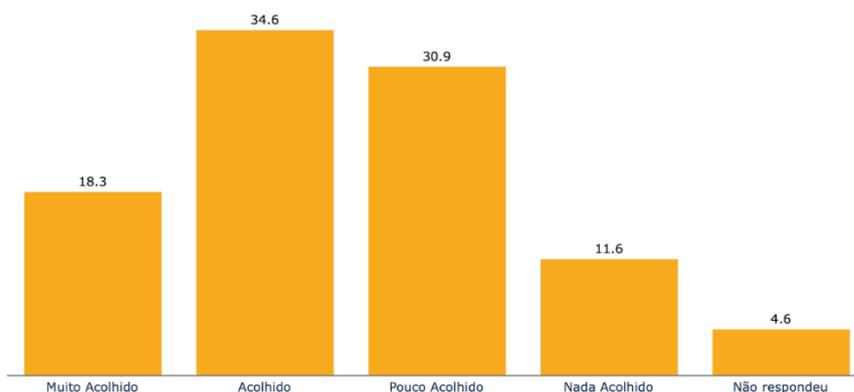


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Sobre o acolhimento nas escolas, entre as(os) participantes LGBT+, **11,6% relatou se sentir nada acolhida(o) e 30,9% afirmou se sentir pouco acolhida(o)**. 34,6% disse sentir-se acolhida(o) e 18,3% afirmou sentir-se muito acolhida(o). 4,6% não respondeu.

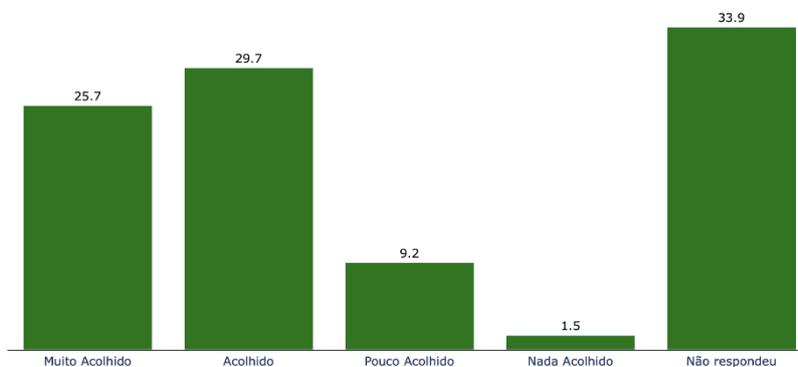
ACOLHIMENTO NAS ESCOLAS DE PESSOAS LGBT+



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Em relação à sensação de acolhimento nas universidades, entre as(os) participantes LGBT+, **1,5% relatou se sentir nada acolhida(o) e 9,2% afirmou se sentir pouco acolhida(o)**. 29,7% disse sentir-se acolhida(o) e 25,7% afirmou sentir-se muito acolhida(o). 33,9% não respondeu.

ACOLHIMENTO NAS UNIVERSIDADES DE PESSOAS LGBT+

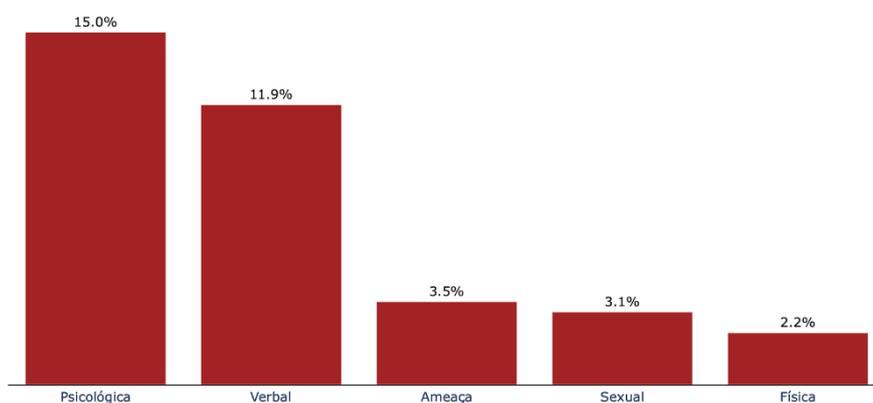


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA NO TRABALHO

Os tipos de violências mais comuns sofridos no trabalho conforme o número de respostas, foram: violência psicológica (15%), violência verbal (11,9%), ameaça (3,5%), violência sexual (3,1%) e violência física (2,2%).

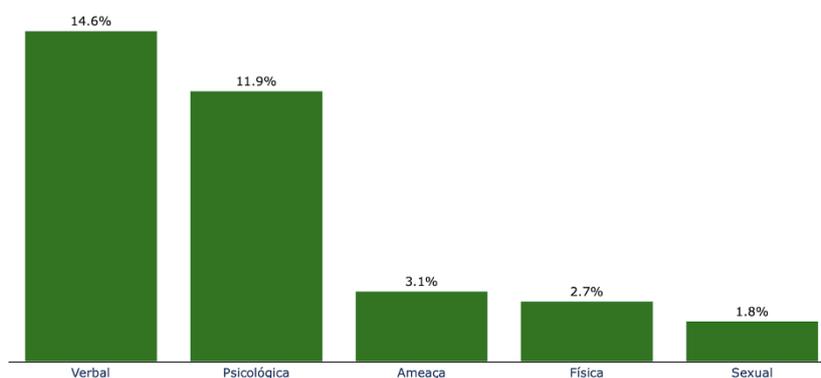
TIPOS DE VIOLÊNCIAS SOFRIDAS NO TRABALHO (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Em relação às violências presenciadas em razão da identidade de gênero as(os) respondentes afirmaram ter presenciado principalmente violência verbal (14,6%) seguida pela violência psicológica (11,9%), ameaça (3,1%), violência física (2,7%) e violência sexual (1,8%).

TIPOS DE VIOLÊNCIAS PRESENCIADAS NO TRABALHO (%) 2019

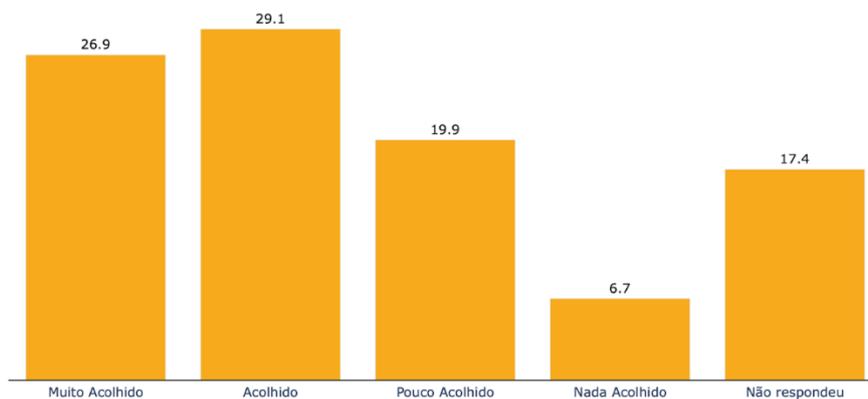


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO NO TRABALHO

Ao serem questionados(as) a respeito da sua sensação de acolhimento no trabalho, **26,6% das pessoas LGBT+ disse se sentir nada (6,7%) ou pouco acolhida(o) (19,9%) no ambiente de trabalho**, enquanto 26,9% afirmou se sentir muito acolhida(o) e 29,1% sente-se acolhida(o).

ACOLHIMENTO NO TRABALHO DE PESSOAS LGBT+ (%) 2019

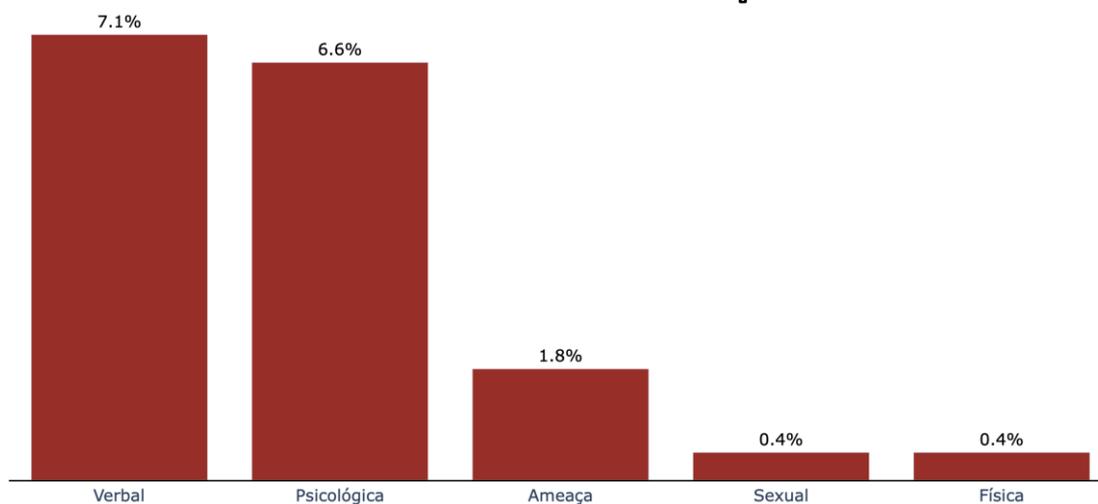


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Perguntadas(os) sobre os tipos de violências sofridas em postos de saúde e hospitais, motivadas pela sua identidade de gênero ou orientação sexual, 7,1% das(os) entrevistadas(os) afirmou ter sofrido violência verbal, 6,6%, violência psicológica, 1,8%, ameaça, 0,4%, violência sexual e 0,4%, violência física.

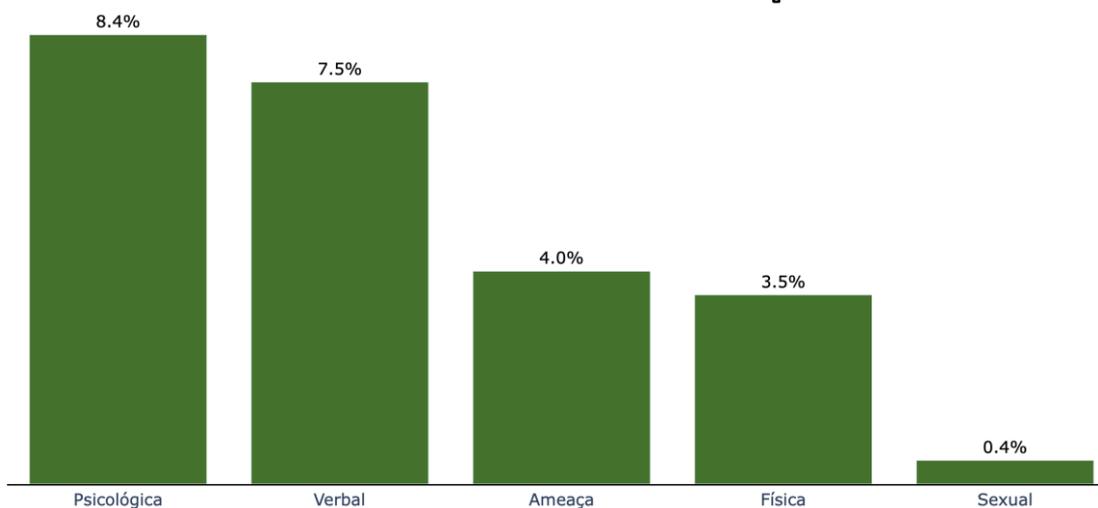
TIPOS DE VIOLÊNCIAS SOFRIDAS EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Em relação aos tipos de violência presenciada em postos de saúde e hospitais, 8,4% das entrevistadas(os) disse ter presenciado violência psicológica, seguida pela violência verbal (7,5%), pela ameaça (4%), pela violência física (3,5%) e pela violência sexual (0,4%).

TIPOS DE VIOLÊNCIAS PRESENCIADAS EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

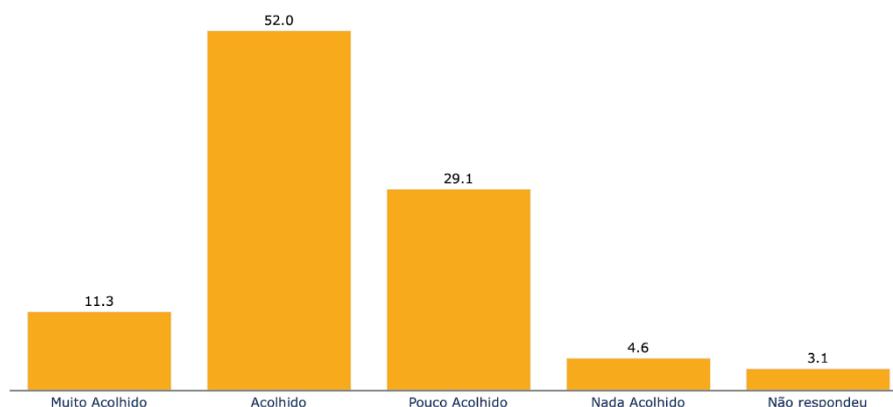


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Em relação ao acolhimento em postos de saúde e hospitais, **33,7% afirmou ter sido pouco (29,1%) ou nada (4,6%) acolhida(o)**. 52% das(os) participantes afirmou se sentir acolhida(o) e 11,3 declarou se sentir muito acolhida(o). 1,1% não respondeu.

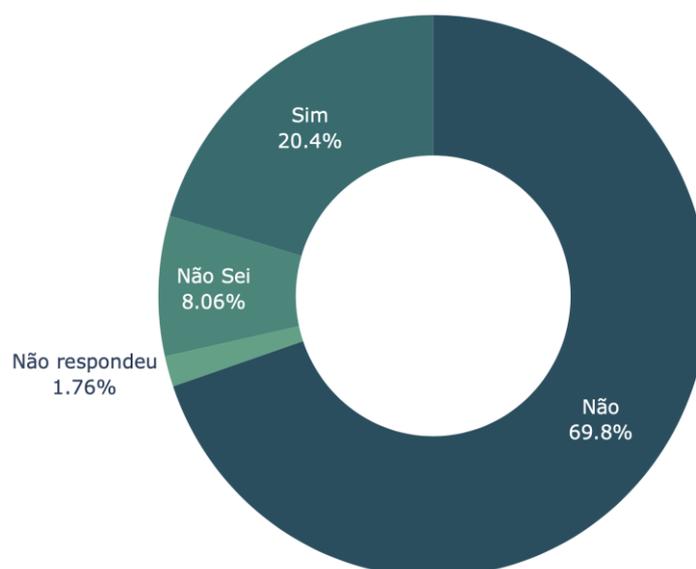
ACOLHIMENTO NA SAÚDE DE PESSOAS LGBT+ (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Entretanto, perguntadas(os) se há igualdade no atendimento de pessoas LGBT+ em postos de saúde e hospitais em relação a pessoas heterossexuais e cisgêneras, 69,8% respondeu que o tratamento não é igualitário. 20,4% respondeu que há igualdade no tratamento. 8,06% não soube responder e 1,76% não respondeu.

O TRATAMENTO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE É IGUALITÁRIO PARA PESSOAS LGBT EM RELAÇÃO A PESSOAS NÃO LGBT?

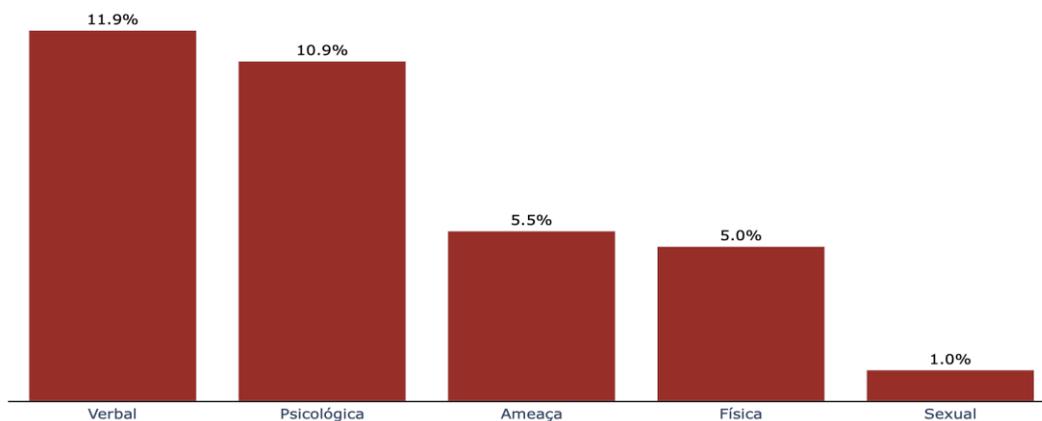


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA POLICIAL

Entre as violências policiais sofridas, a violência verbal foi a mais comum, com 11,9%, seguida da violência psicológica (10,9%), ameaça (5,5%), violência física (5%) e violência sexual (1%).

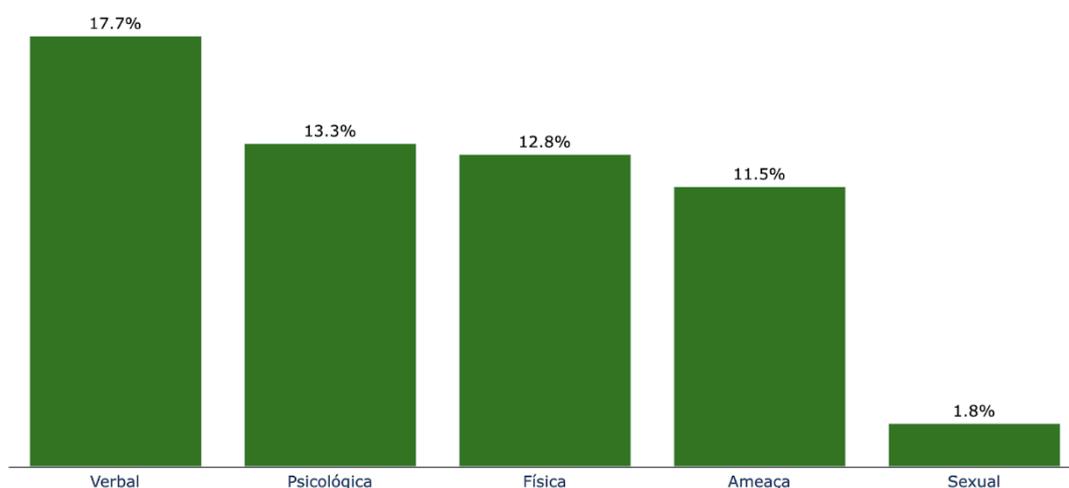
TIPOS DE VIOLÊNCIA POLICIAL SOFRIDAS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Entre as violências policiais presenciadas, a violência verbal foi a mais comum, com 17,7%, seguida da violência psicológica (13,3%), violência física (12,8%), ameaça (11,5%) e violência sexual (1,8%).

TIPOS DE VIOLÊNCIA POLICIAL PRESENCIADAS (%) 2019

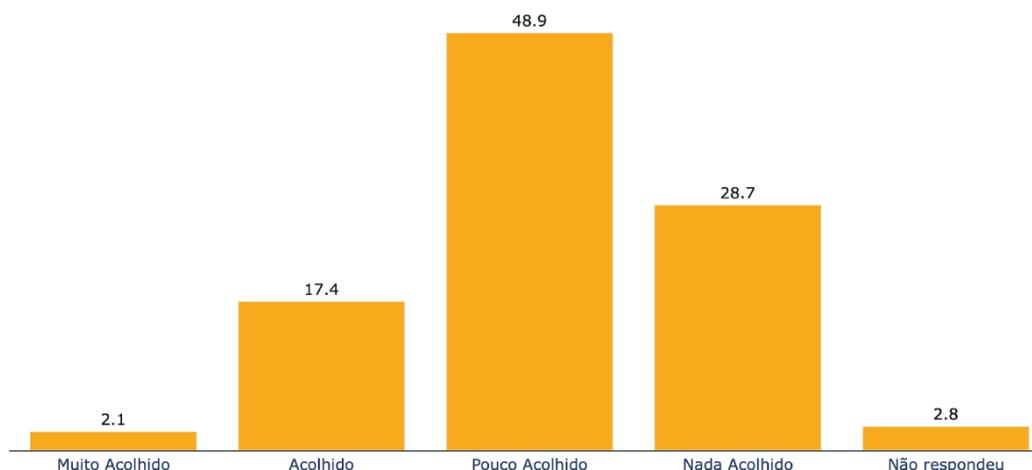


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO PELA POLÍCIA

77,6% das pessoas LGBT+ afirmou sentir-se nada (28,7%) ou pouco (48,9%) acolhida(o) pela polícia. Nesse grupo, apenas 17,4% se sente acolhida(o) e 2,1% muito acolhida(o).

SENTIMENTO DE ACOLHIMENTO PELA POLÍCIA POR PARTE DE PESSOAS LGBT+ (%) 2019

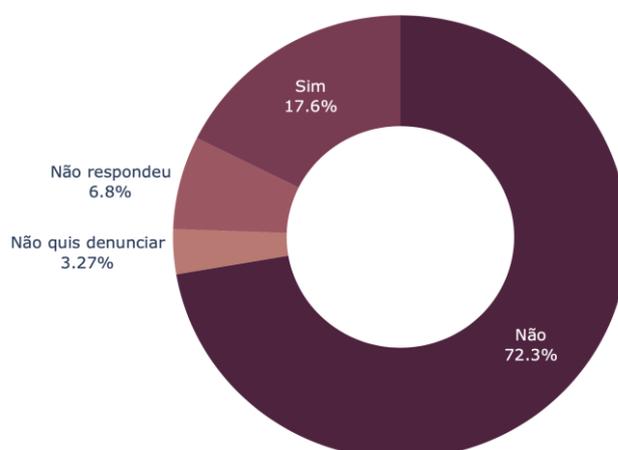


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACIONAMENTO POLICIAL EM CASOS DE LGBTFOBIA

Questionadas(os) se “já precisou acionar a polícia, para a sua segurança ou de outra pessoa, devido a discriminação e/ou intolerância a identidade de gênero ou orientação sexual”, apenas 17,6% já acionou a polícia. 72,3% afirmou nunca ter acionado a polícia e 3,27% preferiu não acionar. 6,8% não respondeu.

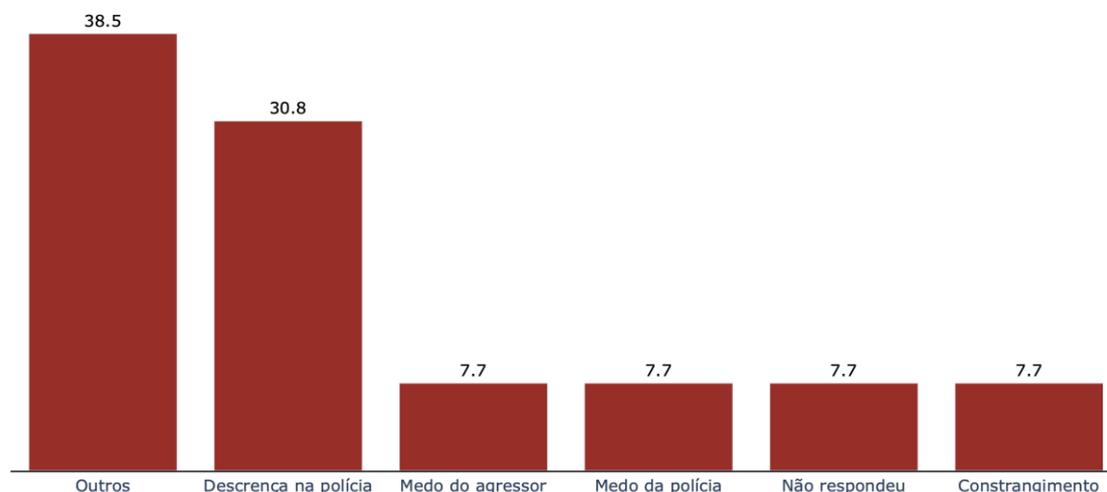
ACIONAMENTO DA POLÍCIA EM RAZÃO DE LGBTFOBIA (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Dentre aquelas(es) que não quiseram denunciar à polícia, as razões apontadas foram as seguintes: **descrença na polícia (30,8%)**, medo do agressor (7,7%), medo da polícia (7,7%), constrangimento (7,7%). 38,5% alegou outros motivos.

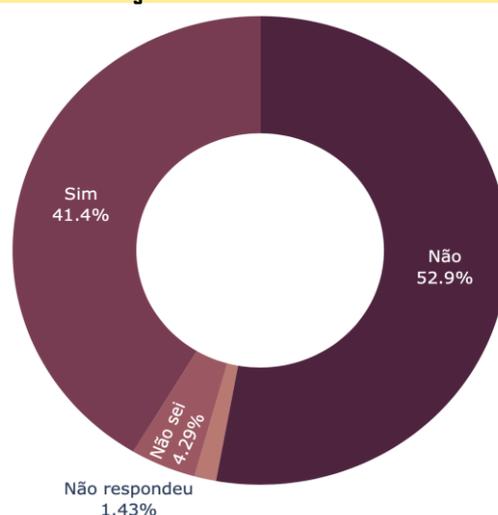
MOTIVOS QUE LEVARAM A NÃO ACIONAR A POLÍCIA (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Entre os que acionaram a polícia por motivo de discriminação e/ou intolerância baseada em orientação sexual e/ou identidade de gênero, **52,9% afirmou que sua demanda não foi devidamente atendida**, enquanto 41,4% teve sua demanda devidamente atendida. 4,2% não soube dizer se sua demanda foi ou não atendida. 1,4% não respondeu.

SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO POLICIAL (%) 2019⁹

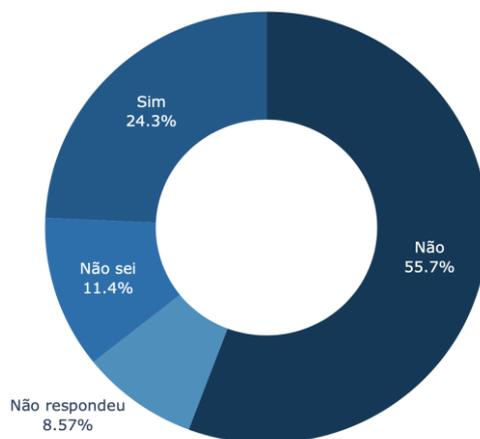


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

⁹ Os dados referentes ao atendimento da demanda e ao modo como foi registrado o boletim de ocorrência foram obtidos usando as respostas daqueles que precisaram acionar a polícia em algum momento.

Quando perguntadas(os) sobre o modo como a ocorrência teria sido registrada, apesar de se tratar de uma situação de discriminação motivada pelo gênero e/ou orientação sexual, **55,7% das(os) respondentes disseram que a ocorrência policial não foi devidamente registrada como discriminação ou intolerância à identidade de gênero e/ou orientação sexual**. Aquelas(es) que responderam positivamente à questão correspondem a 24,3% das(os) participantes. 11,4% não soube responder e 8,5 não respondeu à questão.

A OCORRÊNCIA POLICIAL FOI DEVIDAMENTE REGISTRADA COMO DISCRIMINAÇÃO OU INTOLERÂNCIA À IDENTIDADE DE GÊNERO E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL? (%) 2019

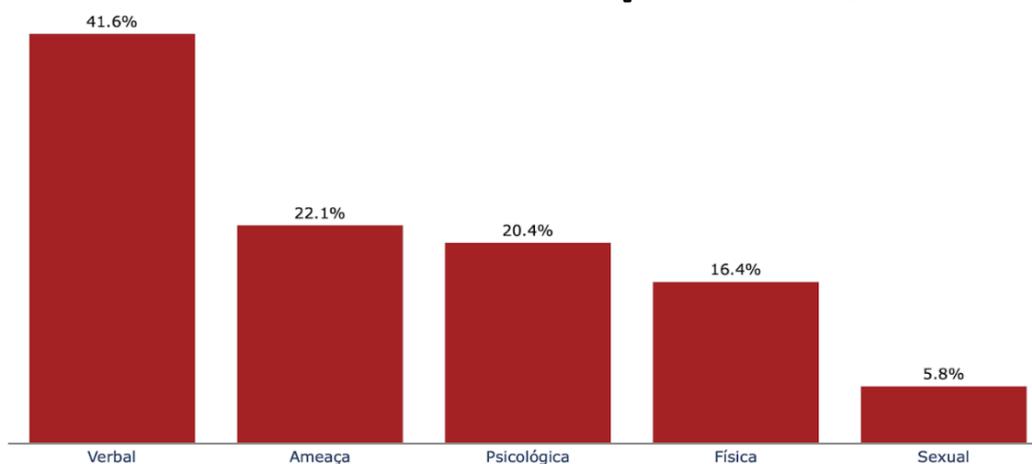


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

SEGURANÇA E VIOLÊNCIA EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Os tipos de violências sofridas mais comuns nas vias públicas são: a violência verbal (41,6%), a ameaça (22,1%), a violência psicológica (20,4%), a violência física (16,4%) e a violência sexual (5,8%).

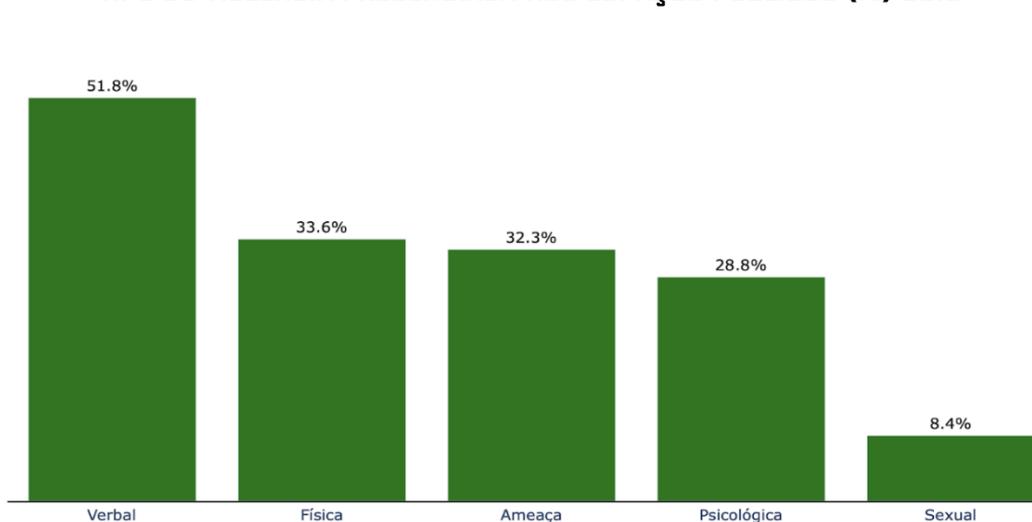
TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

No que tange às violências presenciadas nos espaços públicos, a violência verbal também é a mais recorrente, com 51,8%, seguida da violência física com 33,6%, ameaça com 32,3%, violência psicológica com 28,8% e violência sexual com 8,4%.

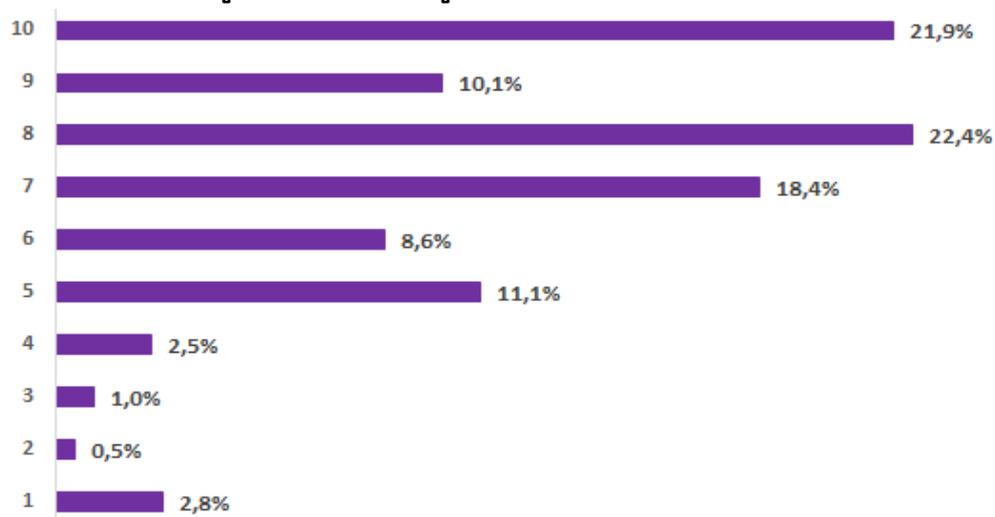
TIPO DE VIOLÊNCIA PRESENCIADA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

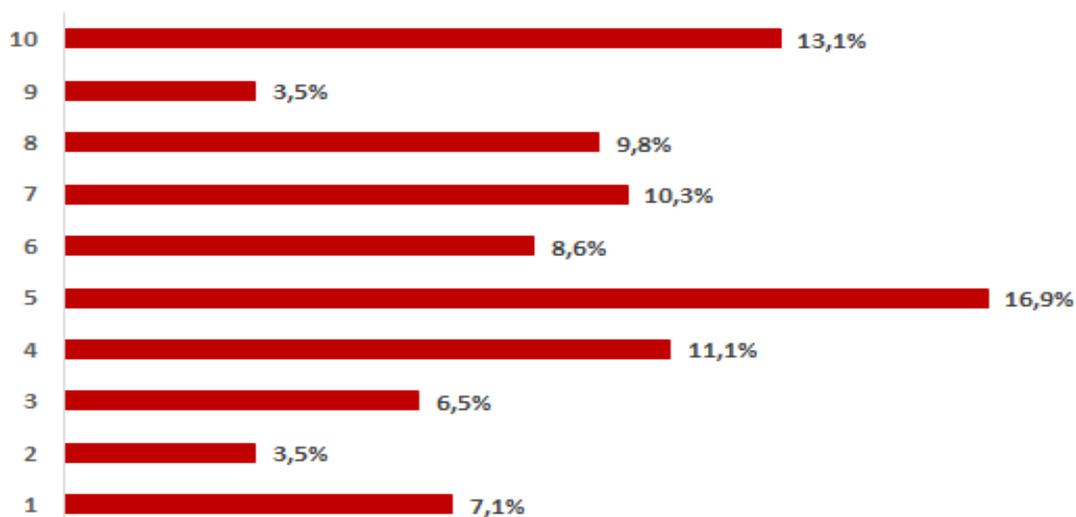
Quando perguntados em relação à **sensação de segurança em locais públicos**, a maior porcentagem de respondentes considera a parada do orgulho LGBT um espaço seguro. 81,4% das(os) entrevistadas(os) deram uma nota de 6 a 10 à sensação de segurança durante o evento. Em segundo lugar, com o maior número de notas de 6 a 10, ficou as manifestações públicas em prol dos direitos LGBT, com 45,3%.

SENSAÇÃO DE SEGURANÇA DURANTE A PARADA LGBT (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

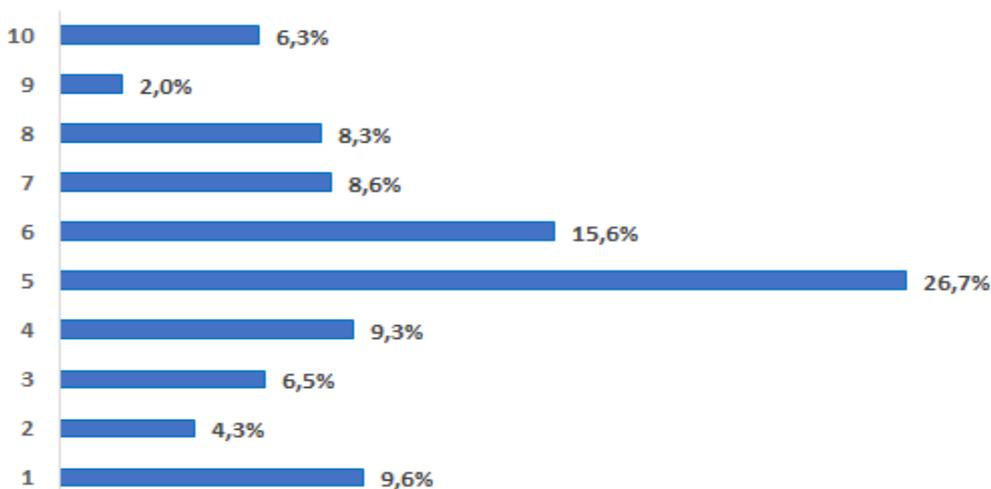
SENSAÇÃO DE SEGURANÇA EM MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS POR DIREITOS LGBT (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Por outro lado, em relação à sensação de segurança cotidiana nas ruas da cidade, **56,4% das entrevistas(os) não se sente segura(o)**, atribuindo notas entre 1 e 5 à segurança, em um total de 10.

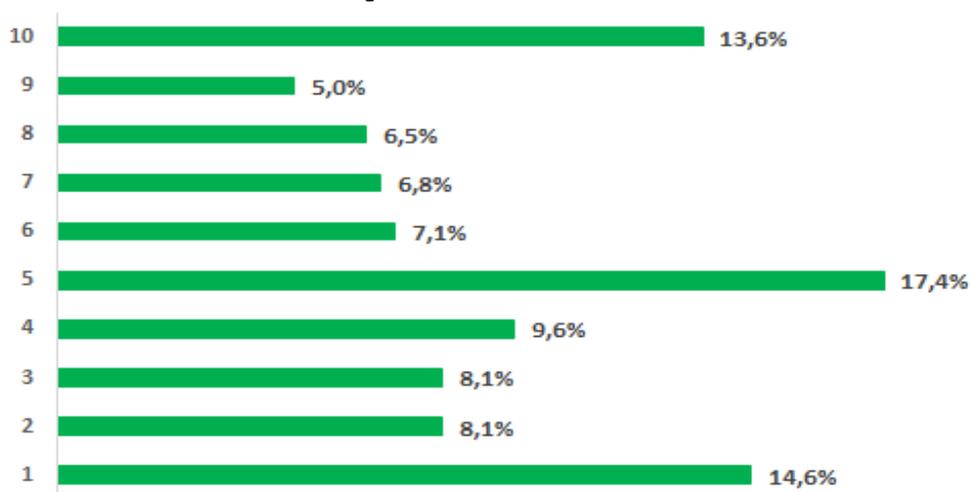
SENSAÇÃO DE SEGURANÇA NAS RUAS DA CIDADE (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Perguntadas(os) sobre a sensação de segurança para demonstração de afeto em público, **57,8% das entrevistas(os) não se sente segura(o)**, atribuindo notas entre 1 e 5 à segurança.

SENSAÇÃO DE SEGURANÇA PARA DEMONSTRAÇÃO DE AFETO EM PÚBLICO (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

DADOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS TRANS E TRAVESTIS

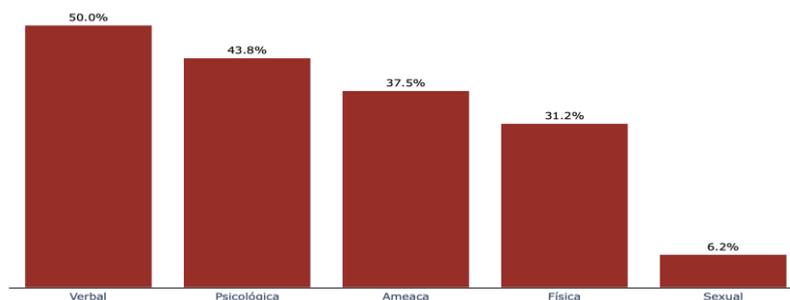
Em razão das peculiaridades no que toca ao acesso a direitos e da maior incidência de violência contra a população transexual e travesti, este bloco oferece uma análise cuidadosa e em separado dos dados levantados junto a esse grupo.

VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Metade das participantes trans e travestis (50%) relatou ter sofrido algum tipo de violência no âmbito familiar e 53,3% afirmou ter presenciado atitudes violentas de familiares.

Entre os tipos de violência sofrido, destacam-se a violência verbal, com 50% das respostas, seguida da violência psicológica (43,8%); ameaça (37,5%); violência física (31,2%) e violência sexual (6,2%).

TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NA FAMÍLIAS - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019

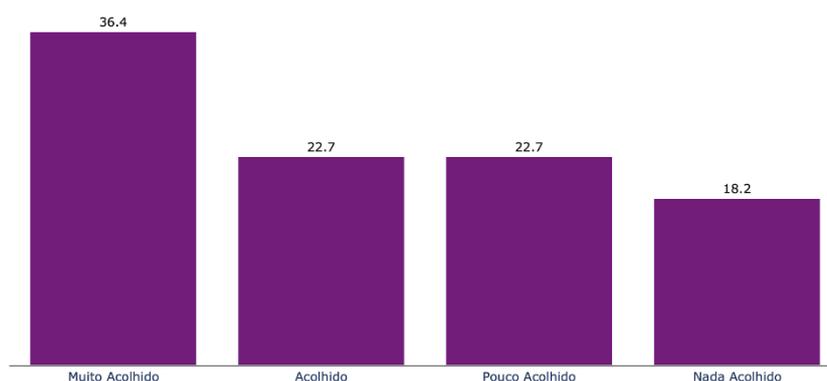


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQ+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO NA FAMÍLIA

40,9% das pessoas transexuais e travestis entrevistadas relatou sentir-se nada (18,2%) ou pouco (22,7%) acolhida(o) no âmbito. 36,4% respondeu sentir-se muito acolhida e 22,7% disse sentir-se acolhida (todas as pessoas do grupo responderam essa questão).

SENTIMENTO DE ACOLHIMENTO PELAS FAMÍLIAS - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019

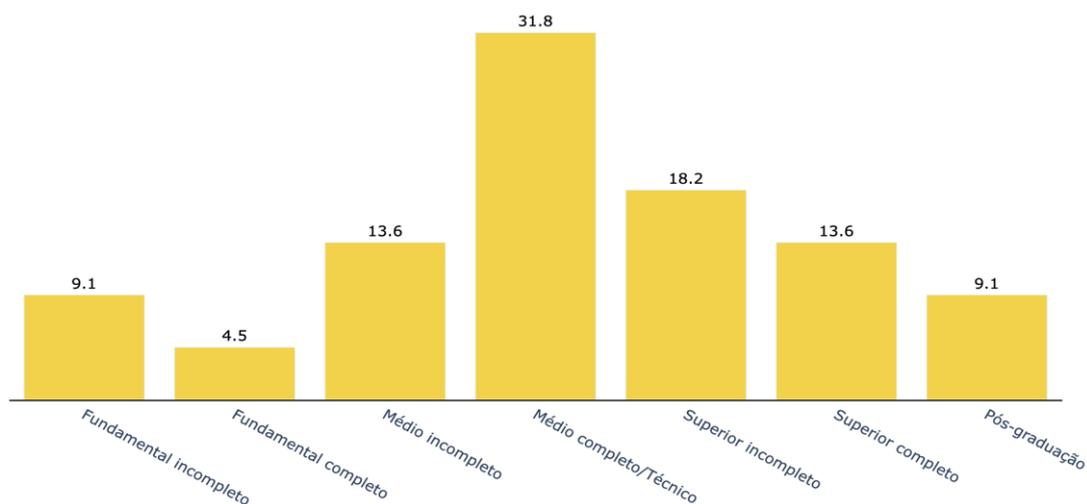


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQ+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

A maioria das pessoas transexuais e travestis possui o ensino básico completo, correspondendo a 31,8% das respostas. Por sua vez, 27,2% dessas(es) participantes possui o ensino básico incompleto, 18,2% possui o ensino superior incompleto e 13,6% têm o ensino superior completo. Por fim, de modo diferente do constatado na Parada de 2018, 9,1% das(os) respondentes afirmaram ter cursado ou estar cursando a pós-graduação.

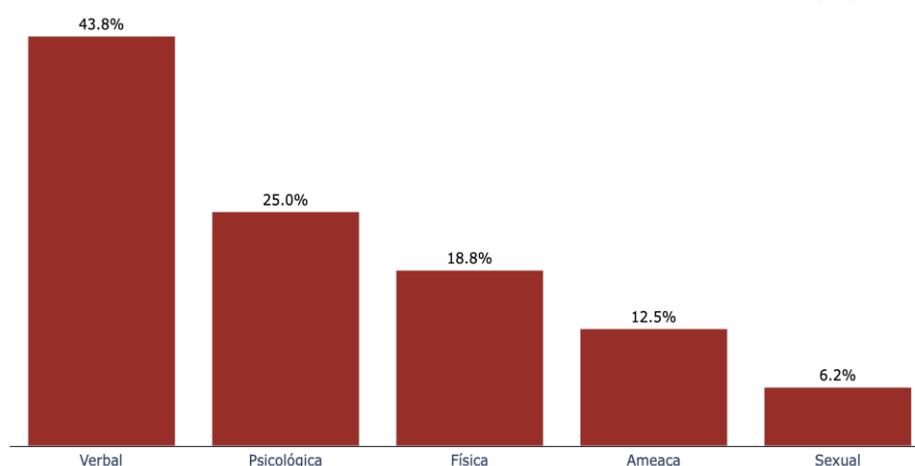
ESCOLARIDADE TRANS E TRAVESTI (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Perguntadas(os) se já sofreram violência no ambiente escolar em decorrência de sua identidade de gênero (transfobia), **42,8% das pessoas entrevistadas afirmaram terem sido vítimas de alguma atitude violenta ou desrespeitosa**, sendo a violência verbal (43,8%), a violência psicológica (25%) e a violência física (18,8%) as mais recorrentes.

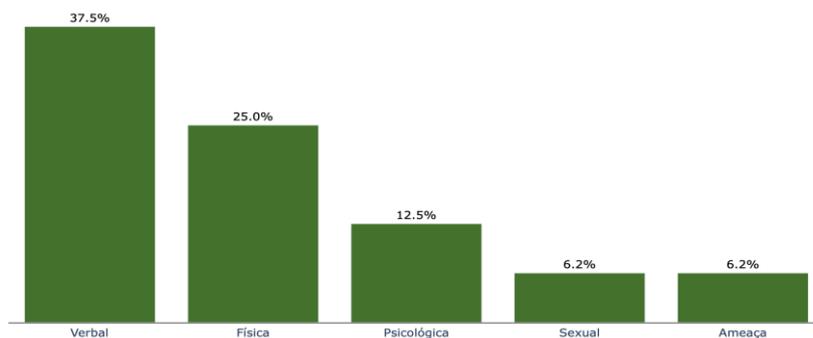
TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NAS ESCOLAS - TRANS E TRAVESTI (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

50% dos(das) respondentes disseram já ter presenciado violência na escola em razão da identidade de gênero, principalmente quando se trata de casos de violência verbal (37,5%) e física (25%).

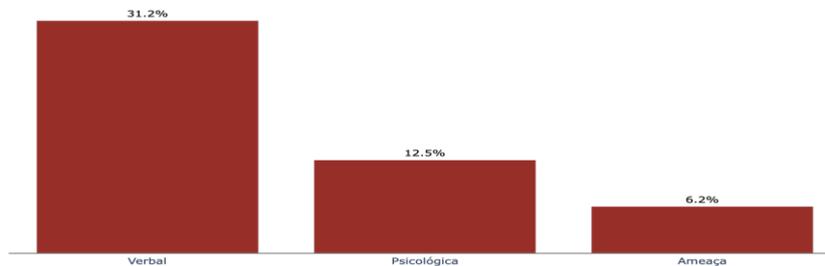
TIPO DE VIOLÊNCIA PRESENCIADA NAS ESCOLAS – TRANS E TRAVESTI (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQ+ do Diverso UFMG - 2020

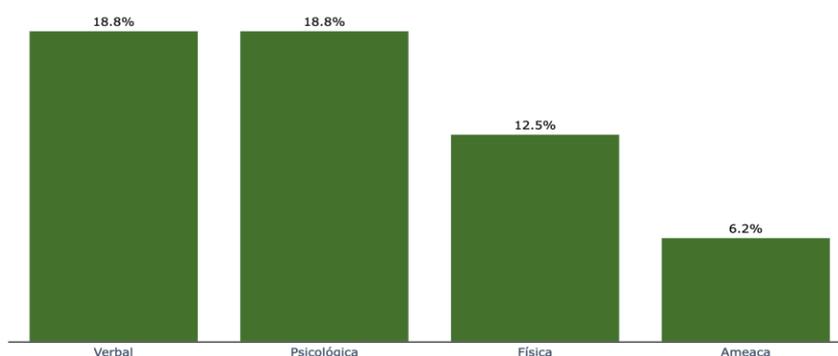
Em relação às violências sofridas nas universidades, 35,7% relataram ter sofrido transfobia e 28,5% disse ter presenciado violências transfóbicas.

TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NAS UNIVERSIDADES – TRANS E TRAVESTI (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQ+ do Diverso UFMG - 2020

TIPO DE VIOLÊNCIA PRESENCIADA NAS UNIVERSIDADE – TRANS E TRAVESTI (%) 2019

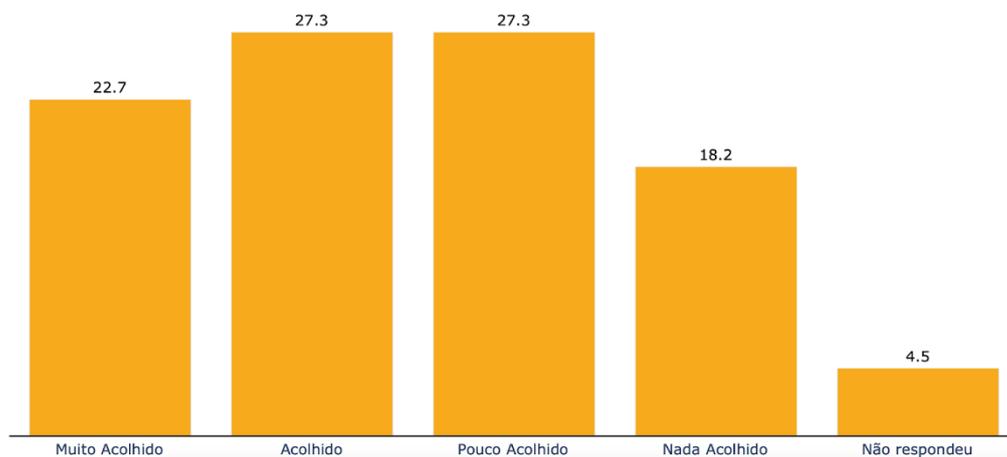


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQ+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Quando perguntadas(os) sobre a sua relação com a escola, **45,5% das pessoas trans e travestis entrevistadas respondeu se sentir nada (18,2%) ou pouco acolhida(o) (27,3%) no ambiente escolar**. 27,3% afirmou sentir-se acolhida(o) e 22,7% dissera sentir-se muito acolhida(o). 4,5% não respondeu.

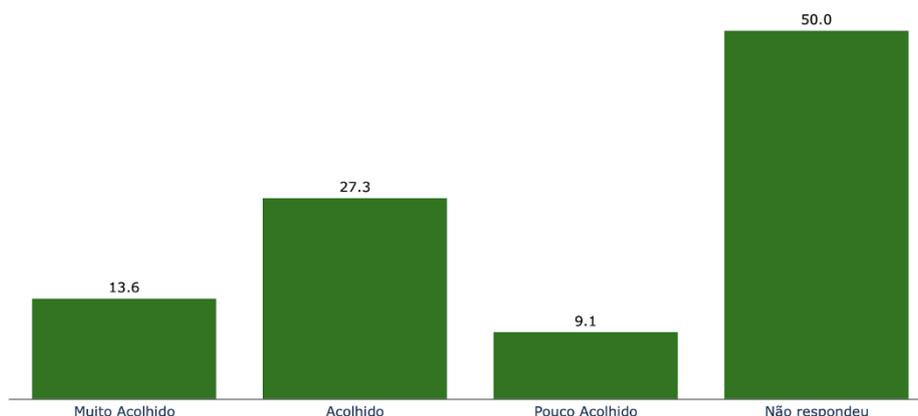
SENSAÇÃO DE ACOLHIMENTO NAS ESCOLAS - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Nas universidades, apenas 9,1% das(os) participantes desse grupo disse sentir-se pouco acolhida(o). 27,3% afirmou sentir-se acolhida(o) e 13,6% respondeu se sentir muito acolhida(o). 50% não respondeu à questão (nenhuma pessoa do grupo respondeu "nada acolhido").

SENSAÇÃO DE ACOLHIMENTO NAS UNIVERSIDADES - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

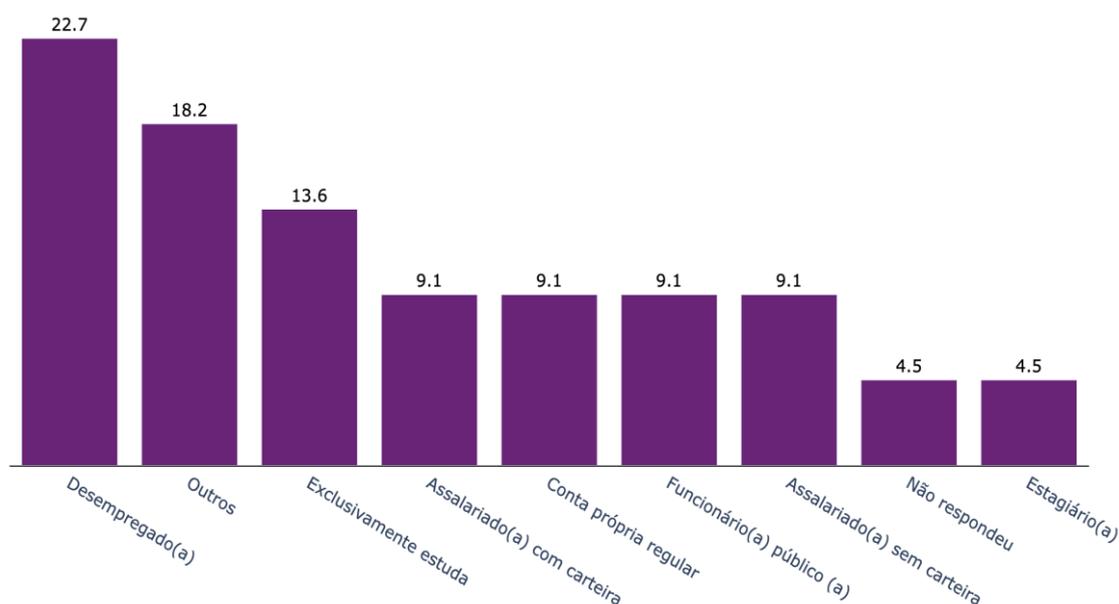
VIOLÊNCIA NO TRABALHO

O acesso ao mercado de trabalho formal é uma questão muito relevante para pessoas transexuais e travestis, que ainda enfrentam muita dificuldade e preconceito para conseguir um emprego regularizado.

Quando perguntadas(os) sobre a sua ocupação atual, **a maioria das pessoas trans e travestis (22,7%) disse estar desempregada(o) e 13,6% é estudante.** Assalariadas(os) com carteira assinada, trabalhadoras(es) regulares por conta própria, assalariadas(os) sem carteira assinada e funcionárias(os) públicas(os) são 9,1% cada. 4,5% disse ser estagiária(o) e 4,5% respondeu estar em situação de prostituição.

Em âmbito nacional, as estimativas realizadas pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA apontam que 90% das pessoas transexuais e travestis encontram-se em situação de prostituição ou informalidade e apenas 10 % trabalham registradas e formalmente.

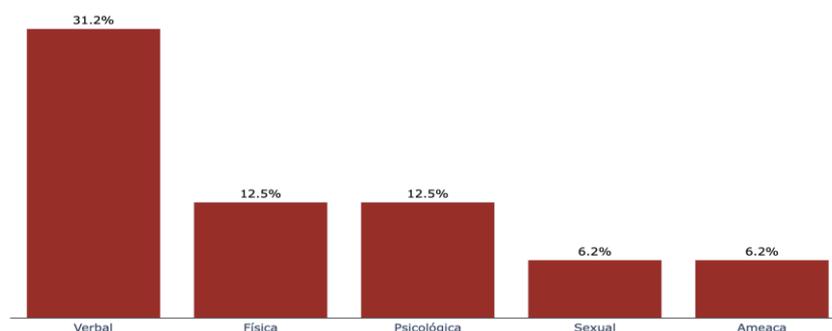
EMPREGABILIDADE TRANS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

42,8% das(os) transexuais e travestis afirmou ter sofrido violência no trabalho em decorrência da sua identidade de gênero (transfobia) e 41,6% afirmou já ter presenciado violências transfóbicas. Os tipos de violências sofridas mais recorrentes relatados foram: a violência verbal (31,2%), a violência física (12,5%), a violência psicológica (12,5%), a violência sexual (6,2%) e a ameaça (6,2%).

TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NO TRABALHO - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019

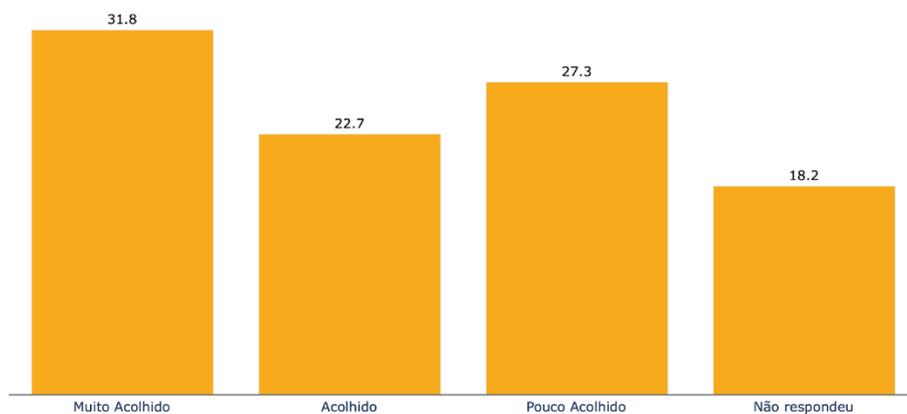


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO NO TRABALHO

Já em relação ao sentimento de acolhimento de pessoas trans e travestis no trabalho, **27,3% disse se sentir pouco acolhida(o) no trabalho**. Enquanto 22,7% afirmou se sentir acolhida(o) e 31,8% se sentir muito acolhida(o). 18,2 % não quis responder essa questão (nenhuma pessoa do grupo respondeu "nada acolhido").

SENSAÇÃO DE ACOLHIMENTO NO TRABALHO- TRANS E TRAVESTIS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

A portaria nº 1.820 do Ministério da Saúde garantiu o uso do nome social nos atendimentos realizados no Sistema Único de Saúde (SUS) a todas as pessoas transexuais e travestis. Em decisão recente, o Supremo Tribunal Federal autorizou a mudança de nome e de sexo das pessoas trans no registro civil sem que elas precisassem se submeter a cirurgia de redesignação sexual ou decisão judicial.

Contudo, **31,8% das pessoas trans e travestis entrevistadas respondeu que não utiliza o nome social quando atendidas pelas SUS**, enquanto 45,4% disse que usa o nome social nessas situações. 13,6% não quis responder à pergunta.

Dentre os **motivos da não utilização do nome social no Sistema Único de Saúde**, nos deparamos com respostas diversas entre os respondentes. Dentre elas destacamos: **o desrespeito ao uso (14,1%), o medo de discriminação e/ou constrangimento (14,1%), a transfobia na saúde (14,1%), a opção de não falar o nome social nesses espaços e de apesar de ter retificado o nome não utilizá-lo (14,1%) e a necessidade de mudar a carteira de identidade (14,1%)**. Por fim, 28,5% não quis responder.

Entre as(os) transexuais e travestis que responderam utilizar o nome social, 20% afirmou que isso já lhes proporcionou algum constrangimento ou desconforto nos atendimentos médicos, enquanto 60% responderam que não tiveram problema.

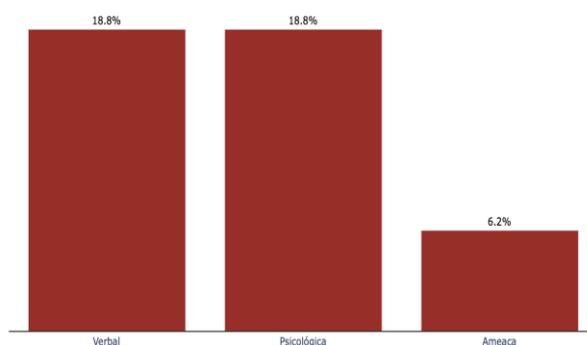
Com relação a **utilização de hormônios**, 38% das pessoas transexuais e travestis entrevistadas nunca fez uso, 42,8% declarou fazer uso e 9,5% já fez uso e parou. 9,5% não quis responder à pergunta.

A **aplicação hormonal** das pessoas que responderam fazer uso de hormônios ou já terem feito, ocorreu em sua maioria com acompanhamento em clínicas particulares (54,5%), seguido pelo uso com acompanhamento médico pelo SUS (18%) e autoaplicação (9%). 18% não respondeu.

Quando perguntadas(os) sobre o motivo que lhes levaram a suspender o uso da aplicação hormonal, metade das(os) entrevistadas(os) (50%) disse que foi devido aos efeitos adversos do tratamento e a outra metade (50%) não respondeu à questão.

18,1% das(os) entrevistas(os) trans e travestis afirmou já ter sofrido algum tipo de violência em postos de saúde e hospitais motivados pela sua identidade de gênero (transfobia), sendo mais recorrentes a violência verbal e a psicológica, com 18,8% cada uma.

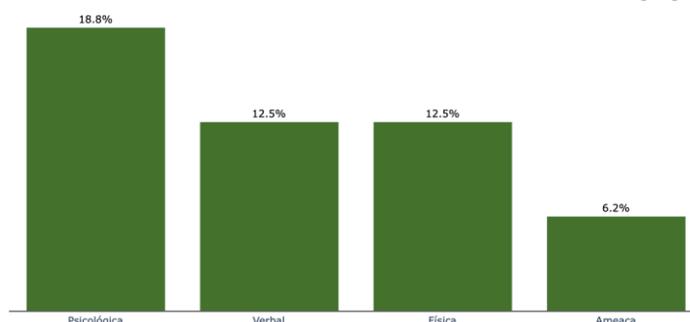
VIOLÊNCIA SOFRIDA SAÚDE - TRANS E TRAVESTI (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Acerca das violências presenciadas, **18,1% das(os) entrevistadas(os) trans e travestis afirmou já ter presenciado algum tipo de violência em postos de saúde e hospitais motivados pela sua identidade de gênero (transfobia)**. Dentre essas violências a psicológica e a verbal foram as mais recorrentes, com 18,8% e 12,5% respectivamente.

VIOLÊNCIA PRESENCIADA SAÚDE - TRANS E TRAVESTI (%) 2019

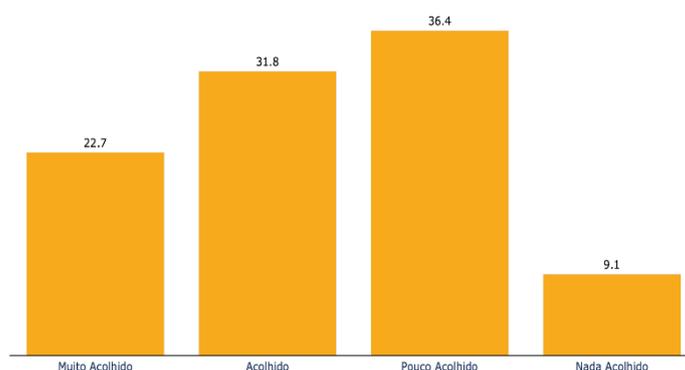


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

45,5% das pessoas transexuais e travestis entrevistadas disse se sentir nada (9,1%) ou pouco (36,4%) acolhida(o) em postos de saúde e hospitais. 31,8% afirmou sentir-se acolhida(o) e 22,7 % afirmou se sentir muito acolhida(o) nesses ambientes (todas as pessoas do grupo responderam essa questão).

SENTIMENTO DE ACOLHIMENTO SAÚDE - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019

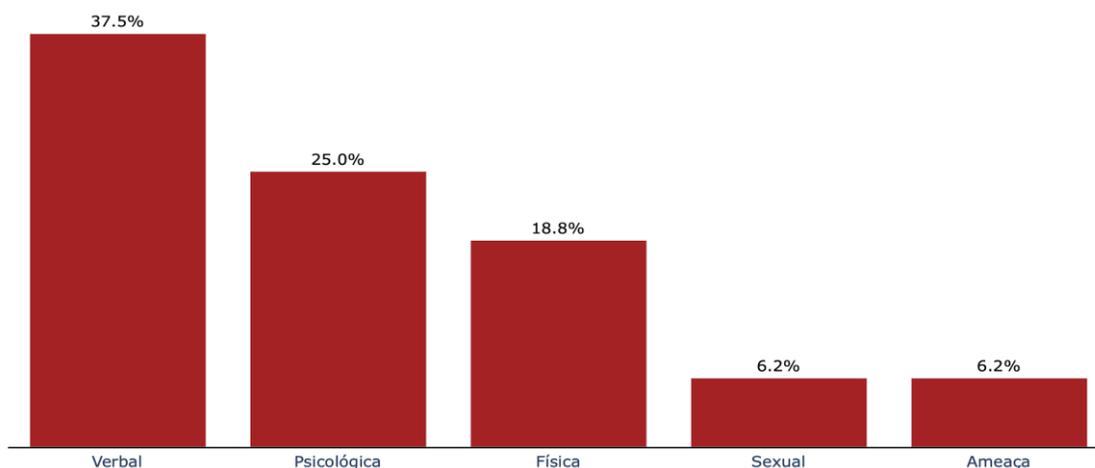


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA POLICIAL

61,5% das pessoas trans e travestis disse já ter sofrido algum tipo de discriminação ou violência realizado pela polícia em decorrência da identidade de gênero ou orientação sexual. 38,4% disse não haver sofrido violência policial. Os tipos de violência policial sofridos mais comuns foram: violência verbal (37,5%), violência psicológica (25%), violência física (18,8%), violência sexual (6,2%) e ameaça (6,2%).

TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA PELA POLÍCIA - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019

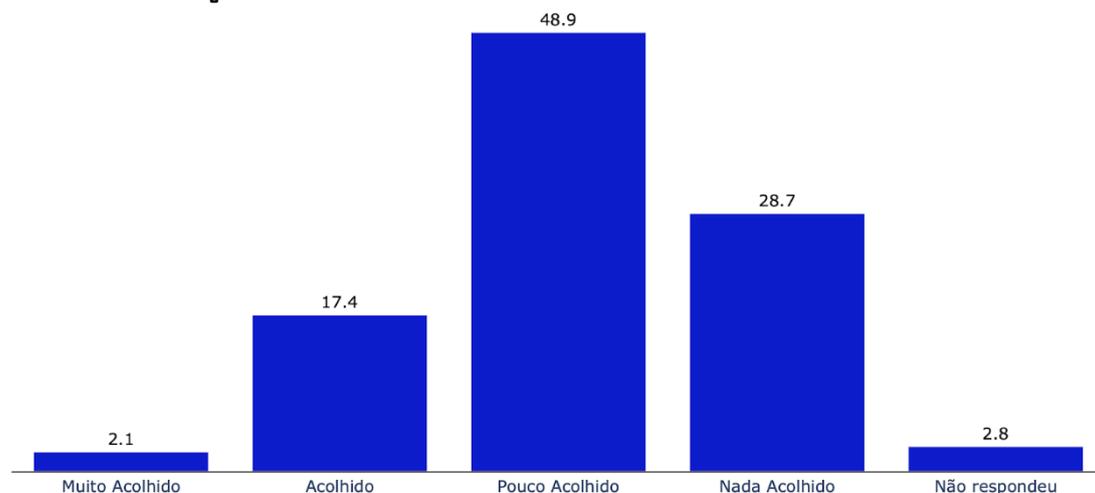


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACOLHIMENTO PELA POLÍCIA

77,6% das pessoas trans e travestis diz se sentir nada (28,7%) ou pouco (48,9%) acolhida(o) por agentes policiais. 17,4% afirma se sentir acolhida(o) e 2,1% disse sentir-se muito acolhida(o).

SENSAÇÃO DE ACOLHIMENTO POLÍCIA - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019

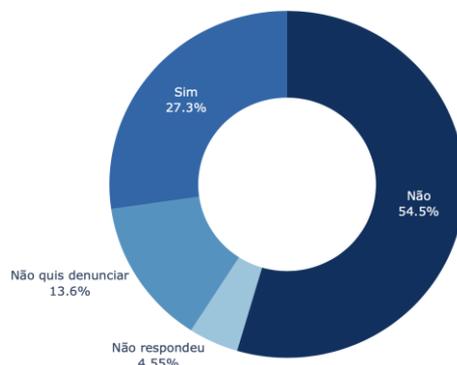


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

ACIONAMENTO POLICIAL EM CASOS DE TRANSFOBIA

Apenas 27,3% das pessoas transexuais e travestis já acionou a polícia para a sua segurança ou de outra pessoa em razão de transfobia. 54,5% afirmou que nunca precisou acionar a polícia e 13,6% disse que já precisou, mas preferiu não acionar a polícia.

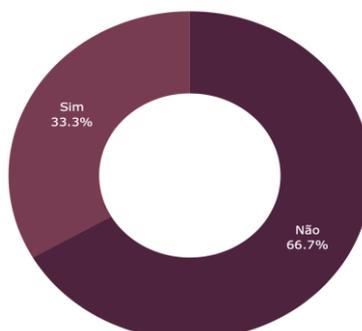
ACIONOU A POLÍCIA EM CASOS DE TRANSFOBIA - TRANS E TRAVESTI (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Entre as pessoas trans e travestis que responderam ter recorrido à ajuda policial, **para 66,7%, a demanda não foi devidamente atendida**, enquanto 33,3% disse que sua demanda foi atendida.

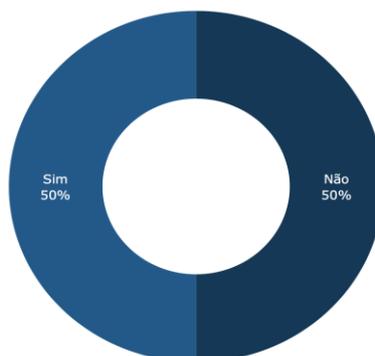
A DEMANDA FOI ATENDIDA PELA POLÍCIA? (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

Já em relação ao devido registro da ocorrência como intolerância e/ou discriminação à identidade de gênero e/ou orientação sexual, 50% respondeu a ocorrência não continha essa informação.

A OCORRÊNCIA FOI DEVIDAMENTE REGISTRADA COMO TRANSFOBIA? (%) 2019

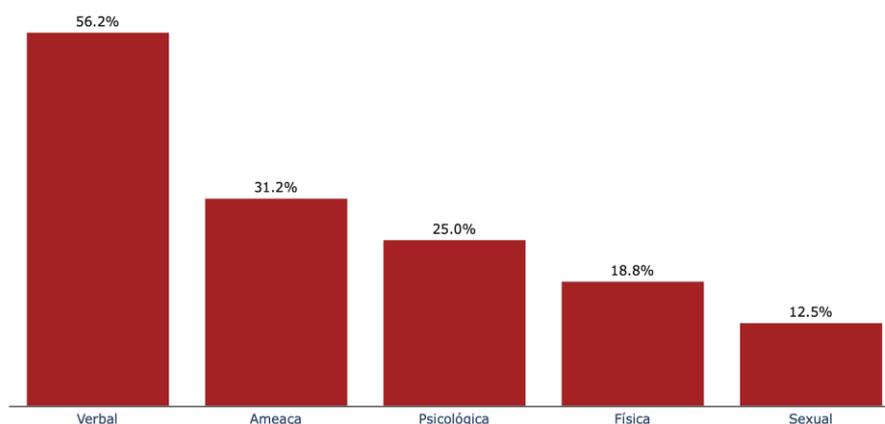


Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

VIOLÊNCIA EM ESPAÇOS PÚBLICOS

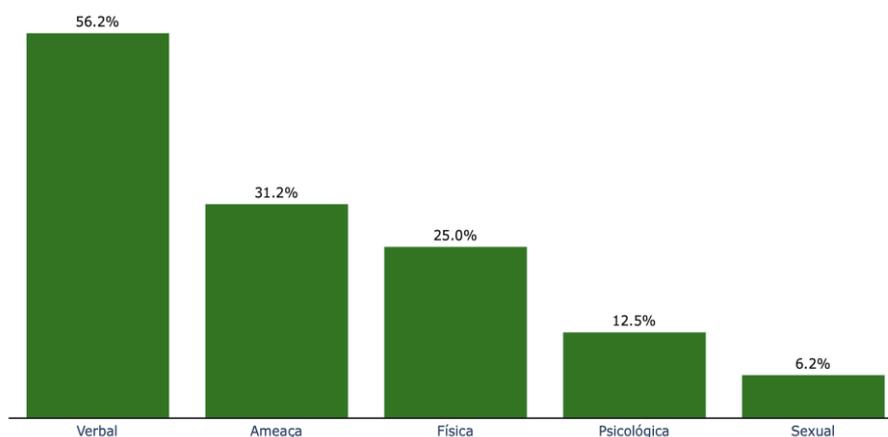
75% das pessoas trans e travestis relatou ter sofrido algum tipo de violência em decorrência da transfobia em espaços públicos e 62,5% disse apenas ter presenciado tais fatos. As violências mais comuns sofridas foram: a violência verbal (56,2%), ameaça (31,2%), a violência psicológica (25%), a violência física (18,8%) e a violência sexual (12,5%).

TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

TIPO DE VIOLÊNCIA PRESENCIADA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS - TRANS E TRAVESTIS (%) 2019



Fonte: Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ do Diverso UFMG - 2020

CONCLUSÕES

Diante de sujeitas plurais, não podemos encarar esses dados de maneira homogênea. É importante ter em mente a intersecção das violências e discriminações baseadas na orientação sexual e identidade de gênero com aquelas que decorrem das desigualdades econômicas, do sexismo, do racismo e de vulnerabilidades das mais diversas ordens. Não existe um LGBT+ enquanto identidade genérica ou um padrão de violências e discriminações que seja vivido de modo igual por todas e todos LGBT+. Os números aqui não podem ser lidos enquanto generalizações fixas acerca das vidas e das violências experimentadas, mas como índices contextuais que nos permitem uma melhor compreensão das situações discriminatórias que acontecem com mais frequência por grupos específicos dentro desse universo complexo e plural da sexualidade e da identidade de gênero.

As informações colhidas refletem situações de vulnerabilidades e invisibilidades. São informações preciosas diante de um contexto de ausência de dados públicos consistentes e seguros sobre os perfis das muitas pessoas LGBT+ de Belo Horizonte e região, bem como os tipos e a extensão das violências às quais elas estão submetidas. São informações de extrema utilidade, na medida em que oferecem um ponto de partida mais preciso para se discutir e estruturar políticas públicas e ações sociais de enfrentamento das violências e discriminações LGBTfóbicas.

O lugar escolhido para a coleta de dados, a Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, reúne um público expressivo. Em sua 22ª edição, realizada no ano de 2019, estiveram presentes 250 mil pessoas, segunda estimativas da prefeitura de Belo Horizonte. Dos participantes 82,3% declarou-se não-heterossexual. A maior parte é de Belo Horizonte (59,9%) e da Região Metropolitana (28,0%), totalizando 87,9%.

É importante observar que o público da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte é predominantemente jovem. 80,3% tem até 30 anos de idade. E majoritariamente negro. 59,2% das(os) participantes se autodeclarou preto (24,4%) ou pardo (34,8%). Além disso, trata-se de um público com escolaridade relativamente alta. A maior parte (31%) afirmou possuir nível médio ou técnico completo. 23,7% possui ensino superior incompleto e 19,4%, ensino superior completo. Por outro lado, metade dos(as) participantes (49,4%) declarou não ter renda ou ter renda familiar mensal de no máximo 3 salários mínimos. Se ampliamos a faixa de renda para até 5 salários mínimos, ela engloba 70,8% dos participantes. 54,4% do público trabalha, 20,7% estuda e 11,1% está desempregado. 72% das(os) entrevistadas(os) estudou apenas em escolas públicas durante o ensino fundamental e/ou médio. Porém, durante o ensino superior, as proporções se invertem. 60,2% frequenta ou frequentou apenas instituições particulares e 33,9%, apenas instituições públicas.

Em relação às posições políticas e ideológicas, grande parte das(os) participantes declarou-se de esquerda (49,9%), seguidos daqueles(as) que afirmaram não possuir nenhum posicionamento político (15,9%) e dos que se declaram de centro-esquerda (11,3%). 91,7% afirmou votar em candidatas(os) com pautas favoráveis aos LGBTQ+ e 86,6% disse votar em candidatas(os) LGBTQ+. Perguntadas(os) sobre qual partido político melhor representa as pautas LGBTQ+, os dois mais citados foram o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), por 35,5% das(os) participantes, e o Partido dos Trabalhadores (PT), por 19,1%. Entre as demandas mais urgentes para a população LGBTQ+, as mais citadas foram a promoção de segurança (22,9%), seguida pelo reconhecimento e visibilidade (21,4%). 78% das(os) entrevistadas(os) manifestou-se favorável à criminalização da LGBTQfobia¹⁰. Apenas 15,6% das(os) participantes respondeu fazer parte de algum movimento social, político ou grupo LGBTQ+. As entrevistadas(os) sem religião, ateus e agnósticos somaram 44,6%, seguidos por 24,7% de católicos, 9,6% de espíritas e 9,1% de evangélicos.

Em relação às violências LGBTQfóbicas, 46,1% das(os) participantes afirmou já ter sofrido algum tipo de violência em razão da orientação sexual e/ou identidade de gênero. Entre os que já sofreram algum tipo de violência, 20,4% afirmou ter sofrido violência no ambiente familiar, 24,4% na escola, 6% na universidade, 7,1% em instituições de saúde, 13,4% no ambiente de trabalho, 32,2% em espaços públicos e 12,6% já sofreu violência por parte da própria polícia. Os tipos de violências sofridos mais comuns são, de modo geral, violências verbais e psicológicas, ameaças e violências físicas (nessa ordem). A violência física é mais comum nos espaços públicos, chegando a 16,4% dos relatos, enquanto na família, ele corresponde a 9,3% dos relatos, na escola, 11,5%, no trabalho, 0,4%, em instituições de saúde, 0,4% e cometidas por agentes de polícia, 5%.

Quando analisados as respostas apenas de pessoas trans e travestis, 50% afirmou ter sofrido violência no âmbito familiar, 42,8% na escola, 35,7% na universidade, 42,8% no trabalho, 43,8% em instituições de saúde, 75% em espaços públicos e 61,5% relatou ter sofrido violência por parte da polícia. Quando comparados os dados gerais de violências contra pessoas LGBTQ+ e os dados específicos de pessoas trans e travestis, fica evidente que as violências contra esse último grupo são muito mais recorrentes. Além disso, os relatos de violência física são mais comuns entre pessoas trans e travestis, chegando a 31,2% na família, 18,8% na escola, 12,5% no trabalho e 18,8% pela polícia.

Do total das(os) entrevistadas(os), 33,6% relatou já ter presenciado violência física em espaços públicos em razão de LGBTQfobia. Em relação à sensação de segurança cotidiana nas ruas da cidade, 56,4% das entrevistas(os) não se sente segura(o), atribuindo notas entre 1 e 5 à segurança, em um

¹⁰ As entrevistas foram feitas um dia após a decisão do Supremo Tribunal Federal que reconheceu a omissão do Congresso Nacional para incriminar atos atentatórios a direitos fundamentais dos integrantes da comunidade LGBTQ, determinando o enquadramento da homofobia e da transfobia como tipo penal definido na Lei do Racismo (Lei 7.716/1989).

total de 10, e 57,8% não se sente segura(o) para demonstrar afeto em público, atribuindo notas de 1 a 5, em um total de 10.

Entre as entrevistadas(os) que já precisaram acionar a polícia em casos de LGBTfobia, mas preferiram não fazê-lo, as razões mais comuns apontadas foram a descrença na polícia (30,8%), o medo do agressor (7,7%), o medo da polícia (7,7%) e o constrangimento (7,7%). Entre as entrevistadas(os), 77,6% afirmou se sentir nada ou pouco acolhida(o) e 52,9% afirmou que sua demanda não foi devidamente atendida. Entre pessoas trans e travestis, 66,7% disse que sua demanda não foi devidamente atendida pela polícia. Nos casos de acionamento da polícia por LGBTfobia, 55,7% das(os) respondentes disseram que a ocorrência policial não foi devidamente registrada como discriminação ou intolerância à identidade de gênero e/ou orientação sexual.

É, ainda, bastante expressivo o número de pessoas LGBT+ que se sentem nada ou pouco acolhidas na família (31,5%), na escola (42,5%), na universidade (10,7%) e em instituições de saúde (33,7%). Especificamente em relação às pessoas trans e travestis, o sentimento de não acolhimento é ainda maior: na família (40,9%), na escola (45,5%), na universidade (9,1%), no trabalho (27,3%) e em instituições de saúde (45,5%).

69,8% das entrevistadas(os) disse que não há igualdade no atendimento de pessoas LGBT+ em postos de saúde e hospitais em comparação com pessoas heterossexuais e cisgêneras. 31,8% das pessoas trans e travestis entrevistadas respondeu que não utiliza o nome social quando atendidas pelas SUS. Dentre os motivos apontados para não utilização do nome social no Sistema Único de Saúde, destaca-se o desrespeito ao uso do nome social, o medo de discriminação e/ou constrangimento, a transfobia na saúde etc.

O que esses números demonstram é que pelo menos metade das pessoas LGBT+ já sofreram algum tipo de violência em razão da sua identidade de gênero e/ou sexualidade. Além disso, os altos índices de não acolhimento de pessoas LGBT+ em espaços de sociabilidade, como a família, a escola, o trabalho ou os espaços públicos, revelam como a LGBTfobia opera também de modo insidioso ou indireto, produzindo sentimentos de inadequação e falta de pertencimento.

O Relatório de Violências Contra Pessoas LGBT+ é, nesse contexto, uma **fonte de dados**, um **alerta** e uma baliza para **mudança**. É uma fonte de dados ao consolidar um conjunto de informações que não são facilmente disponibilizadas, dadas as complexidades na obtenção de dados sobre essa população. Esse “gargalo” dos dados decorre dos estigmas sociais, do preconceito e da falta de políticas permanentes, continuadas e abrangentes que compreendam as posições das pessoas LGBT+ na vida social. Diante disso, o Relatório se faz também **alerta** na medida em que denuncia a permanência das formas conhecidas da violência e as precariedades na inserção social de pessoas LGBT+. Ainda estamos diante de uma população que sofre cotidianamente com a exclusão socioeconômica, com a vulnerabilidade e com formas múltiplas da violência, em vários espaços. E por isso, ao final, esse alerta se transforma num potencial repositório para se pensar a **mudança**.

Isso porque se pode conhecer com maior profundidade as realidades dessas pessoas e, a partir daí, se pensar políticas públicas que englobem todas essas dimensões da vida. O Relatório nos faz pensar que a vida de cada pessoa LGBT+ se passa em vários espaços, com várias circunstâncias. E em todos eles, em alguma medida, o fato de ser LGBT+ trará alguma consequência. Para que essas vidas sejam reconhecidas, compreendidas, celebradas e possam ser vividas com liberdade e de maneira digna é que essa pesquisa foi e será continuamente feita.

EQUIPE DA PESQUISA

Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero

Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais

Avenida João Pinheiro, 100, Edifício Villas-Boas, sala 504, Belo Horizonte – MG

www.diversoufmq.br | [diverso @direito.ufmg.br](https://twitter.com/diverso@direito.ufmg.br)

Coordenação da Pesquisa

Marcelo Maciel Ramos

Doutor em Direito e Professor da Faculdade de Direito da UFMG

mmramos@ufmg.br

Pedro Augusto Gravatá Nicoli

Doutor em Direito e Professor da Faculdade de Direito da UFMG

pedrogravata@ufmg.com

Gabriella de Moraes

Mestra em Direito e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG

gabidemorais@gmail.com

Assistentes de Pesquisa

Igor Julio Pimenta

Gabriela Dantas Rubal

Entrevistadores

Arthur Camilo Figueiredo Leão

Bruna Camilo

Bruna Constantino de Freitas Amorim

Caio Benavides Pedra

Camila Machado Rosa

Gabriela Dantas Rubal

Gabriella de Moraes

Guilherme Gonçalves

Isabela Dias Homssi

Israel Marcos Machado de Oliveira

Izabella Riza Alves

João Felipe Zini

Karina Pereira dos Santos

Karollyne da Rocha Soares

Lara Iolanda Leandro Tadim

Luara Portes Martins Lage

Luciana Pereira Lorenzi

Maria Cândida Cunha Bonelá

Patrícia de Oliveira Soares

Patrícia Rodrigues da Silva

Rafael dos Reis Aguiar

Rafael Ramos de Souza

Ramon Paixão

Sara Dalila Silva de Almeida Soares

Shayenne Estevam de Souza

Thaylandia Cristina Soares Pereira

Tiffany Rafaela Cruz Santos